

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

A INERRÂNCIA BÍBLICA ILIMITADA: A RELEVÂNCIA DESSA DOUTRINA NA  
ATUALIDADE

Marcelo Machado da Silva

São Paulo

2025

Marcelo Machado da Silva

A INERRÂNCIA BÍBLICA ILIMITADA: A RELEVÂNCIA DESSA DOCTRINA NA  
ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito final no curso de Bacharel em  
Teologia da Faculdade Teológica Batista de São  
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Roberto Leal de  
Athayde

São Paulo

2025

Silva, Marcelo Machado da

A inerrância bíblica ilimitada: a relevância dessa doutrina na atualidade. / Marcelo Machado da Silva. – São Paulo: Faculdade Teológica Batista, 2025.

71 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Roberto Leal de Athayde

1. Inerrância bíblica 2. Escritura 3. Teologia sistemática 4. Teologia liberal 5. Neo-ortodoxia I. Título. II. Athayde, Emmanuel Roberto Leal de

CDD 220.13

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Marcelo Machado da Silva

**A INERRÂNCIA BÍBLICA ILIMITADA: A RELEVÂNCIA DESSA DOUTRINA NA  
ATUALIDADE**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Emmanuel Roberto Leal de Athayde – Orientador

---

  

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho ao meu DEUS e SENHOR, que é a razão e a alegria da minha vida.

## AGRADECIMENTO

Agradeço

Ao me DEUS e SENHOR, que me sustentou nos momentos mais escuros, não me deixou desistir e também me mostrou Seu amor infinito momento após momento.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pelos ricos momentos de aprendizagem proporcionados.

Ao professor Dr. Emmanuel Roberto Leal de Athayde, meu orientador, pela paciência, compreensão e estímulo constantes. Ele foi o instrumento nas mãos de Deus para não me deixar desistir.

Ao meu pastor, Rogério Moreira Junior, pelo incentivo e apoio constantes.

Aos irmãos da Igreja Batista Geração Eleita, minha igreja local e do coração, por acreditarem e investirem em mim.

Aos Irmãos Ricardo Abreu de Freitas Machado e Rodrigo Abreu de Freitas Machado (gêmeos), por me ajudarem com as traduções do Alemão para o Português.

Ao meu amigo Alexandre Garcia Sobreira de Araújo, por me ajudar com as traduções do Latim para o Português.

À minha amiga Thaina dos Santos Medeiros, por me ouvir sem julgamentos e por ser um apoio sempre presente.

As palavras do Senhor são palavras puras, prata refinada em forno de barro,  
depurada sete vezes  
SI 12.6

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo examinar, sob uma perspectiva teológico-histórica a plausibilidade da doutrina da inerrância bíblica ilimitada e sua relevância contemporânea. Parte-se do pressuposto de que as Escrituras Sagradas, em seus manuscritos originais, são absolutamente isentas de erro em todas as suas afirmações, sejam estas de natureza teológica, moral, histórica ou científica. A pesquisa, de cunho bibliográfico, fundamenta-se em obras de teólogos da tradição conservadora, bem como na Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica (1978). A estrutura do trabalho compreende três capítulos: o primeiro apresenta os fundamentos bíblicos, teológicos, históricos e a coesão interna da Bíblia como evidências da inerrância ilimitada; o segundo analisa criticamente as objeções formuladas pela teologia liberal e pela neo-ortodoxia com base nos pensamentos de autores como Schleiermacher, Ritschl, Bultmann, Rauschenbusch, Barth, Brunner e Niebuhr; o terceiro capítulo propõe respostas sistemáticas às objeções apresentadas, reafirmando a solidez doutrinária da inerrância bíblica ilimitada e sua importância para a fé cristã na atualidade. Conclui-se que essa doutrina permanece como um alicerce teológico indispensável à preservação da autoridade das Escrituras e da ortodoxia cristã.

**Palavras-chave:** Inerrância bíblica. Escritura. Teologia sistemática. Teologia liberal. Neo-ortodoxia.

## ABSTRACT

This study aims to examine, from a theological and historical perspective, the plausibility of the doctrine of unlimited biblical inerrancy and its contemporary relevance. It is based on the premise that the Holy Scriptures, in their original manuscripts, are entirely free from error in all their assertions—whether theological, moral, historical, or scientific. The research, of a bibliographic nature, is grounded in the works of theologians from the conservative tradition, as well as in the Chicago Statement on Biblical Inerrancy (1978). The structure of the work comprises three chapters: the first one presents the biblical, theological, and historical foundations of inerrancy as well as the internal coherence of Scripture, as evidence of its unlimited inerrancy; the second one critically analyzes the objections raised by liberal theology and neo-orthodoxy, based on the thought of authors such as Schleiermacher, Ritschl, Bultmann, Rauschenbusch, Barth, Brunner and Niebuhr; the third chapter offers systematic responses to these objections, reaffirming the doctrinal soundness of unlimited biblical inerrancy and its significance for contemporary Christian faith. The study concludes that this doctrine remains a theologically indispensable foundation for preserving the authority of Scripture and the integrity of Christian orthodoxy.

**Keywords:** Biblical inerrancy. Scripture. Systematic theology. Liberal theology. Neo-orthodoxy.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A DOCTRINA DA INERRÂNCIA ILIMITADA: MOTIVOS PELOS QUAIS AINDA É POSSÍVEL CRER NELA</b> .....	<b>13</b>
2.1	A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA INERRÂNCIA ILIMITADA.....	14
2.1.1	A inspiração divina e a infalibilidade das escrituras .....	14
2.1.2	O testemunho de Cristo sobre as escrituras .....	16
2.2	A PERFEIÇÃO DE DEUS E A INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS.....	18
2.2.1	A perfeição de Deus como fundamento da Inerrância .....	18
2.2.2	A impossibilidade de Deus mentir e a inerrância bíblica .....	19
2.2.3	A coerência teológica entre Deus e sua revelação.....	19
2.3	A COESÃO INTERNA DA BÍBLIA COMO EVIDÊNCIA DE SUA INERRÂNCIA .....	19
2.3.1	A unidade temática como evidência da inspiração e inerrância .....	20
2.3.2	A harmonia doutrinária como testemunho da inerrância .....	20
2.3.3	A coesão histórica e profética da Bíblia.....	21
2.4	O TESTEMUNHO DA TRADIÇÃO CRISTÃ ACERCA DA INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS .....	22
2.4.1	A tradição patrística e as escrituras .....	22
2.4.2	A teologia medieval .....	24
2.4.3	A reforma protestante .....	25
2.4.4	O evangelicalismo moderno .....	26
<b>3</b>	<b>CONTESTAÇÕES À INERRÂNCIA ILIMITADA: NEO-ORTODOXIA E TEOLOGIA LIBERAL</b> .....	<b>29</b>
3.1	A TEOLOGIA LIBERAL E A CONTESTAÇÃO DA INERRÂNCIA .....	31
3.1.1	Friedrich Schleiermacher e a Bíblia como expressão da experiência religiosa .....	33
3.1.2	Albrecht Ritschl e a redução ética das escrituras .....	35
3.1.3	Rudolf Bultmann e a desmitologização das escrituras.....	37
3.1.4	Walter Rauschenbusch e o evangelho social .....	38
3.2	A NEO-ORTODOXIA E A CONTESTAÇÃO DA INERRÂNCIA .....	40
3.2.1	Karl Barth e a Bíblia como testemunho da palavra de Deus .....	41

3.2.2	Emil Brunner e a revelação como encontro pessoal.....	43
3.2.3	Reinhold Niebuhr e a influência do existencialismo .....	45
4	<b>A RESPOSTA DA DOCTRINA DA INERRÂNCIA ILIMITADA ÀS CONTESTAÇÕES DA TEOLOGIA LIBERAL E DA NEO-ORTODOXIA E SUA RELEVÂNCIA PARA A CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>47</b>
4.1	A INERRÂNCIA ILIMITADA COMO REAÇÃO ÀS INSUFICIÊNCIAS HERMENÊUTICAS DA TEOLOGIA LIBERAL.....	48
4.2	A INERRÂNCIA ILIMITADA E O CONFRONTO COM A DIALÉTICA DA NEO- ORTODOXIA .....	54
4.3	A RELEVÂNCIA ATUAL DA INERRÂNCIA ILIMITADA: VERDADE, AUTORIDADE E CONFIANÇA.....	58
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “A inerrância bíblica ilimitada: a relevância dessa doutrina na atualidade” e pretende analisar, com enfoque teológico e histórico, a plausibilidade da doutrina e sua relevância para os dias atuais. A temática abordada gira, basicamente, em torno da confiabilidade absoluta das Escrituras Sagradas e pretende mostrar como ela é afirmada pela própria Bíblia e ao longo da história da igreja, como é atacada pela teologia liberal e pela neo-ortodoxia e como esses ataques são respondidos.

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada é um dos pilares fundamentais da fé cristã, sustentando que as Escrituras Sagradas, em seus manuscritos originais, são isentas de erros em todas as suas declarações, sejam elas de ordem teológica, moral, histórica ou científica. Essa convicção não é um conceito moderno ou uma construção teológica recente, mas uma crença sustentada ao longo da história da Igreja e fundamentada na própria natureza de Deus, como exposto no Capítulo 1.

A importância da inerrância bíblica transcende o campo da teologia sistemática e possui implicações diretas na fé e na prática cristã. A autoridade das Escrituras está diretamente relacionada à sua confiabilidade. Se a Bíblia contém erros, como sustentam algumas correntes teológicas contemporâneas, então sua autoridade e sua aplicabilidade à vida cristã tornam-se questionáveis. Mas, se a inerrância ilimitada é verdadeira, a Bíblia deve ser aceita como regra final em questões de doutrina, moralidade e fé (GRUDEM, 2014, p. 73).

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada tem sido alvo de desafios ao longo da história, particularmente nos últimos séculos. O advento do Iluminismo e da crítica racionalista trouxe novas abordagens ao estudo das Escrituras, promovendo uma leitura mais cética e questionadora da Bíblia (isto será visto com mais detalhes no capítulo 2). O método histórico-crítico, desenvolvido no século XVIII e amplamente adotado por teólogos liberais nos séculos XIX e XX, passou a tratar a Bíblia como mero documento histórico sujeito a erros humanos. Erickson afirma:

O método histórico-crítico [...] considerava a Bíblia como um livro puramente humano. Consequentemente, a Bíblia foi submetida à crítica como qualquer outro livro antigo. Os estudiosos começaram a negar a inspiração sobrenatural da Escritura e a tratá-la como contendo erros e mitos (ERICKSON, 2015, p. 236-237).

Dois dos principais movimentos que questionaram a inerrância ilimitada foram a teologia liberal e a neo-ortodoxia. A teologia liberal argumentou que a Bíblia deveria ser interpretada à luz da razão e da experiência humana, rejeitando a ideia de que ela seja infalível em todos os seus aspectos (MCGRATH, 2005, p. 271). Por sua vez, a neo-ortodoxia propôs uma visão mais subjetiva da inspiração, enfatizando que a Bíblia contém a Palavra de Deus, mas não é, em si mesma, a Palavra divina (ERICKSON, 2015, p. 239). Essas abordagens relativizaram a autoridade bíblica e abriram espaço para interpretações que negam a inerrância das Escrituras.

Diante desse cenário, a defesa da inerrância bíblica ilimitada torna-se essencial para preservar a ortodoxia cristã e reafirmar a confiabilidade das Escrituras em um mundo cada vez mais influenciado pelo relativismo teológico e pelo secularismo. A doutrina da inerrância ilimitada não apenas sustenta a fé cristã, mas também protege a igreja de distorções doutrinárias e da fragmentação da autoridade bíblica. Como afirma Geisler (2024, p. 43), “negar a inerrância significa abrir mão da base mais sólida para a autoridade das Escrituras, colocando em risco toda a estrutura da fé cristã”.

Com base nessa problemática, esta pesquisa tem como objetivo responder às seguintes questões: a doutrina da inerrância bíblica ilimitada ainda pode ser sustentada no contexto contemporâneo? Como ela responde às objeções levantadas por correntes teológicas críticas, como a teologia liberal e a neo-ortodoxia? E qual sua relevância para a igreja e para a sociedade atual?

A hipótese central da pesquisa é que a inerrância bíblica ilimitada não apenas pode ser sustentada de forma racional e teológica, mas também se mostra necessária e essencial para a preservação da fé cristã. Isso será defendido por meio dos seguintes argumentos: (i) a inspiração divina das Escrituras – se a Bíblia é inspirada por Deus (2Tm 3.16), então deve ser isenta de erros, pois Deus não pode inspirar um texto falível; (ii) a perfeição de Deus – o caráter perfeito e santo de Deus implica que sua revelação escrita deve ser igualmente perfeita e sem erros; (iii) a coesão interna da Bíblia – a Bíblia apresenta uma unidade teológica e doutrinária extraordinária, que reforça sua origem divina e sua inerrância ilimitada; (iv) a tradição histórica da igreja – a inerrância tem sido defendida por teólogos e líderes cristãos ao longo da história (GEISLER; ROACH, 2024, p. 23).

O objetivo geral do trabalho é investigar se a doutrina da inerrância ilimitada ainda pode ser sustentada, como ela responde às contraposições neo-ortodoxa e liberal e se ainda é relevante hoje. Quanto aos objetivos específicos, esses são: (i)

estudar sistematicamente a doutrina da inerrância ilimitada, atentando para as bases bíblicas, teológicas e históricas da doutrina; (ii) apontar os motivos pelos quais ainda é possível e plausível crer nessa doutrina; (iii) apresentar as contestações feitas a essa doutrina pela teologia liberal e pela neo-ortodoxia; (iv) investigar como a doutrina da inerrância ilimitada da Bíblia responde a essas posições; (v) discutir a relevância da doutrina da inerrância ilimitada para os dias atuais.

Para desenvolver essa investigação, esta pesquisa adotou a abordagem de pesquisa bibliográfica, analisando textos fundamentais da teologia sistemática e da hermenêutica bíblica. Utilizamos como referencial teórico autores como B.B. Warfield (2008), Wayne Grudem (2019), Norman Geisler (2011), Augustus H. Strong (2010), dentre outros. Foi também usada como referencial a *Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica* (1978). Para mostrar os argumentos da teologia liberal e da neo-ortodoxia são usados os autores: Teologia Liberal: Schleiermacher (1996), Bultmann (1984), Niebuhr (1953), Rauschenbusch (1917) e Ritschl (2005); Neo-Ortodoxia: Karl Barth (2004) e Emil Brunner (1946).

A estrutura do trabalho foi organizada em três capítulos. O Capítulo 1 apresenta a doutrina da inerrância bíblica ilimitada. Inicialmente, são examinadas as bases bíblicas da doutrina. Em seguida, explora-se a relação entre a perfeição de Deus e a inerrância das Escrituras. Depois é mostrada a coesão interna da Bíblia como evidência de sua autenticidade. Por fim, traça-se um panorama histórico da doutrina da inerrância, mostrando como ela foi sustentada ao longo dos séculos por teólogos e líderes cristãos.

O Capítulo 2 foca na análise crítica das principais objeções levantadas. São exploradas as concepções da teologia liberal e da neo-ortodoxia. Exploram-se os impactos e consequências para a interpretação bíblica e a autoridade das Escrituras, analisando até que ponto as críticas desafiam a sustentação da inerrância ilimitada.

O Capítulo 3 é dedicado à formulação das respostas que a crença na inerrância bíblica ilimitada oferece a essas objeções. Apresentam-se argumentos teológicos e filosóficos que sustentam a possibilidade e plausibilidade da inerrância. Além disso, é discutida a relevância da inerrância bíblica ilimitada para a teologia cristã na atualidade, considerando seu impacto na vida cristã prática.

Dessa forma, pretende-se mostrar que essa doutrina não apenas pode ser sustentada racional e teologicamente, mas também que sua afirmação é essencial para a integridade da fé cristã.

## 2 A DOCTRINA DA INERRÂNCIA ILIMITADA: MOTIVOS PELOS QUAIS AINDA É POSSÍVEL CRER NELA

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada afirma que as Escrituras, em seus manuscritos originais, são isentas de erro em todas as suas declarações, sejam elas de natureza teológica, moral, histórica ou científica (GEISLER; NIX, 2021, local. 6%). Ainda, segundo Grudem (2019, p. 63):

Parece claro que a própria Bíblia não apoia nenhuma restrição quanto aos tipos de assunto abordados com autoridade e verdade absolutas. De fato, muitas passagens das Escrituras, na verdade, excluem a validade desse tipo de restrição.

Essa crença está diretamente relacionada à inspiração divina da Bíblia, pois, se Deus é perfeito, a revelação que Ele comunica à humanidade deve, necessariamente, refletir essa perfeição (WARFIELD, 1948, p. 173).

No entanto, essa doutrina tem sido desafiada, especialmente nos últimos séculos, com o surgimento de abordagens críticas ao texto bíblico. Movimentos como a teologia liberal e a neo-ortodoxia buscaram relativizar a inerrância bíblica, propondo interpretações alternativas que questionam a historicidade e a confiabilidade dos textos sagrados (essas abordagens serão explorada no próximo capítulo). Nesse contexto, a questão da inerrância se tornou um dos debates centrais dentro da teologia cristã, com implicações diretas sobre a autoridade e a interpretação das Escrituras (GEISLER; ROACH, 2024, p. 25-31).

Geisler e Roach contam que, no contexto contemporâneo, a doutrina da inerrância bíblica ilimitada foi reafirmada e defendida por diversos teólogos e movimentos evangélicos, culminando na Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica (ICBI, 1978). Esse documento foi um marco importante, reunindo mais de 200 teólogos de diversas tradições evangélicas com o objetivo de afirmar que as Escrituras são perfeitamente confiáveis em todos os seus aspectos, sem erros ou falhas, e que qualquer tentativa de relativizar a veracidade da Bíblia é incompatível com a tradição cristã tida por ortodoxa. A Declaração de Chicago ressaltou que a inerrância se aplica não apenas a questões espirituais ou morais, mas também abrange todos os aspectos das Escrituras, incluindo eventos históricos, científicos e geográficos. Isso significa que, além dos ensinamentos teológicos e espirituais, as narrativas históricas e

científicas encontradas nas Escrituras também são vistas como verdadeiras e consistentes com os fatos. Conforme Wayne Grudem (2019, p. 63), a própria Bíblia não apoia nenhuma restrição quanto aos tipos de assuntos abordados.

Diante disso, este capítulo tem como objetivo apresentar uma exposição da doutrina da inerrância ilimitada, examinando seus fundamentos bíblicos, teológicos e históricos. Para tanto, serão analisados os seguintes aspectos: (i) a fundamentação bíblica da inerrância, baseada na inspiração das Escrituras, demonstrando como a própria Escritura reivindica sua confiabilidade absoluta; (ii) a relação entre a perfeição de Deus e a inerrância das Escrituras; (iii) a coesão interna da Bíblia como evidência de sua autenticidade, unidade e inerrância e (iv) o testemunho histórico da igreja sobre a inerrância ao longo dos séculos.

## 2.1 A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA INERRÂNCIA ILIMITADA

As Escrituras não apenas apresentam a si mesmas como a Palavra de Deus, mas também afirmam consistentemente sua confiabilidade e autoridade, embora o termo “inerrância” não apareça na Bíblia. Passagens como Mt 5.17,18; 12.40; 22.29; Lc 24.44; 2Tm 3.16 e 2Pe 1.21 trazem essa ideia e serão vistas no decorrer do capítulo. O conceito de inerrância não é uma formulação moderna da teologia sistemática (WOODBIDGE, 1982, p. 244), mas um princípio que emerge diretamente do testemunho das Escrituras.

### 2.1.1 A inspiração divina e a infalibilidade das escrituras

Dizer que a Bíblia é inspirada por Deus significa que seus escritos foram produzidos sob a orientação direta do Espírito Santo, garantindo que o conteúdo registrado pelos autores humanos fosse exatamente aquilo que Deus desejava revelar à humanidade (GRUDEM, 2019, p. 54).

A passagem de 2Tm 3.16 é um dos textos fundamentais para a doutrina da inspiração divina da Bíblia (FRAME, 2010, p. 173). Ela declara: “Toda a Escritura é

inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”.<sup>1</sup>

Segundo estudiosos da língua grega, como Wallace (1996, p. 252), a expressão grega πᾶσα γραφή (*pása graphé*)<sup>2</sup> no contexto de 2Tm 3.16, é melhor traduzida como “toda a Escritura”, pois o artigo definido (*hē*) está ausente antes de *graphé*, o que indica a leitura de um substantivo coletivo e não de uma referência a textos isolados. Warfield (2008, p. 133) afirma que a expressão “*pása graphé*” deve ser compreendida como “toda a Escritura”, visto que Paulo está falando da totalidade do texto sagrado como divinamente inspirado. Geisler e Roach (2011, p. 57) sustentam que, no contexto da teologia paulina, essa expressão se refere ao corpo completo das Escrituras reconhecidas pela igreja à sua época. Grudem (2019, p. 57) enfatiza que a ausência do artigo definido (*hē*) antes de *graphé* não enfraquece a ideia de totalidade, mas, ao contrário, fortalece a ideia de que toda a Escritura é inspirada por Deus. Segundo Geisler e Nix (2021, local. 5%):

Embora seja preciso reconhecer que muito do que foi afirmado aqui se refere explicitamente às Escrituras do Antigo Testamento, ainda assim, de forma lógica e implícita, o Novo Testamento acha-se incluído nessa mesma asserção de inspiração.

Então, apesar de o cânon do NT ter sido fechado séculos depois, os próprios escritores neo-testamentários reconhecem sua inspiração em passagens como Ef 3.5; 1Tm 5.18; 2Pe 3.15,16 e Ap 22.18. Geisler e Nix (2021, local. 39 %) continuam dizendo que, embora a igreja não tenha fechado oficialmente o cânon antes do século IV, é um equívoco dizer que não houve reconhecimento antes disso.

A palavra grega usada para “inspirada por Deus” é *θεόπνευστος* (*theopneustos*), que aparece apenas aqui em todo o Novo Testamento (NT). *Theopneustos* significa, literalmente, “soprada por Deus” (RUSCONI, 2003, p. 225), transmitindo a ideia de que a Escritura não é um produto humano, mas algo que procede diretamente de Deus. Warfield (2008, p. 102) destaca que a escolha dessa palavra reforça a ideia de que a inspiração bíblica não é apenas uma assistência divina ao autor humano, mas um ato direto de Deus na comunicação de sua revelação.

<sup>1</sup> As referências bíblicas citadas são extraídas da Bíblia em Português, versão Almeida rev. atual. (ARA), 1993.

<sup>2</sup> Em grego, segundo NA 30: Πᾶσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν, πρὸς ἐλέγξιν, πρὸς ἐπανορθωσιν, πρὸς παιδείαν ἐν δικαιοσύνῃ.

Essa verdade está alinhada com 2Pe 1.21, onde se diz que “homens [santos] falaram da parte de Deus”, confirmando que a origem das Escrituras não é humana, mas divina.

A inerrância das Escrituras decorre dessa inspiração divina. Grudem (2014, p. 52-54) diz que, se cremos que toda a Escritura é inspirada por Deus, então devemos concluir que ela é verdadeira em tudo o que ensina. Negar isso significa questionar a própria autoridade divina da Bíblia.

A Bíblia testifica sua veracidade ao afirmar a impossibilidade de Deus errar ou mentir. Nm 23.19 declara que: “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa”. Essa verdade é reiterada em Hebreus 6.18, onde é dito que “é impossível que Deus minta”. Se a Bíblia é a Palavra de Deus e Deus não pode mentir, então a conclusão lógica é que as Escrituras são infalíveis e inerrantes.

### **2.1.2 O testemunho de Cristo sobre as escrituras**

Cristo reconheceu a inerrância das Escrituras e reafirmou sua total confiabilidade. Essa afirmação pode ser embasada em vários trechos dos Evangelhos que demonstram a postura de Jesus em relação a elas. A ideia central é que Jesus, em suas interações com os fariseus, escribas e outros, frequentemente citava as Escrituras como autoridade final, tratando-as como infalíveis e sem erros. Vejamos alguns passagens:

- Mateus 4.4,7,10 (durante a tentação no deserto): “Está escrito...” - durante sua tentação no deserto, Jesus não apenas citou as Escrituras, mas as usou como autoridade absoluta para refutar as investidas de Satanás. Essa atitude revela sua crença na autoridade, veracidade e aplicabilidade das Escrituras;
- Mateus 5.17: “Não penseis que vim revogar a lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”. - Jesus claramente afirma que ele não veio para anular a Escritura, mas para cumpri-la. Isso implica que ele via as Escrituras como perfeitamente válidas e autoritativas, não sujeitas a erros ou falhas;

- Mateus 5:18: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”. - aqui Jesus afirma que nenhuma parte das Escrituras, nem mesmo a menor letra ou marca, passará sem cumprimento. Ele claramente reconhece a totalidade da Escritura como sendo irrepreensível e infalível;
- Mateus 12:40: “Porque, assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”. - Jesus reconheceu a história de Jonas como literal e verdadeira. A referência à narrativa do Antigo Testamento (AT) demonstra que Cristo considerava as Escrituras como historicamente confiáveis e verdadeiras;
- Mateus 22:29: “Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus”. - quando os saduceus tentaram questionar a doutrina da ressurreição, Jesus os repreendeu por não entenderem corretamente as Escrituras. Isso mostra que, para Cristo, elas não só eram inerrantes, mas também necessitavam ser interpretadas corretamente para se compreender sua mensagem;
- Lucas 24:44: “E disse-lhes: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. - Jesus confirma que as Escrituras do AT (Lei, Profetas e Salmos) se referem a Ele e que essas palavras estavam se cumprindo. Isso evidencia a crença de Cristo na veracidade e na precisão das Escrituras, refletindo sua confiança total nelas;
- João 10:35: “a Escritura não pode falhar”. - aqui, Jesus se refere às Escrituras como sendo infalíveis, reafirmando que elas possuem autoridade divina e não podem conter erros.

Vê-se claramente que a atitude de Cristo em relação às Escrituras é um reconhecimento implícito de sua inerrância e total confiabilidade. Ele as cita frequentemente como autoridade final, afirma que devem ser cumpridas e refuta interpretações errôneas das mesmas. Ao fazer isso, Jesus não apenas reconhece as Escrituras como inspiradas e sem erros, mas também mostra a seus seguidores como elas devem ser vistas e aplicadas.

## 2.2 A PERFEIÇÃO DE DEUS E A INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS

A relação entre a inerrância bíblica e a perfeição de Deus constitui um dos pilares centrais da doutrina cristã, sendo amplamente defendida na teologia sistemática.<sup>3</sup> O argumento fundamental repousa na premissa de que, se Deus é perfeito e santo, sua revelação deve necessariamente refletir essas qualidades, sendo, portanto, isenta de erros (HENRY, 1983, p. 141). A defesa desse princípio encontra respaldo em diversas bases teológicas, incluindo a doutrina da inspiração (da qual tratamos anteriormente), a imutabilidade de Deus e a sua veracidade.

### 2.2.1 A perfeição de Deus como fundamento da inerrância

A teologia cristã conservadora sustenta que Deus é ontologicamente perfeito, ou seja, ele possui atributos como santidade absoluta, onisciência e veracidade plena (STRONG, 2010, p. 245). A Escritura testemunha essa perfeição em diversas passagens, como Dt 32:4, que afirma: “Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto”. Essa concepção implica que qualquer revelação proveniente de Deus deve ser igualmente perfeita, pois um ser perfeito não poderia comunicar-se por meio de uma revelação falível ou errônea (GEISLER, 1997, p. 44).

A imutabilidade divina, conforme descrita em passagens como Tiago 1.17 (“em quem não pode existir variação ou sombra de mudança”), também sustenta a inerrância bíblica. Se Deus não muda em sua essência e caráter, então sua Palavra não pode conter erros, contradições ou imperfeições (GRUDEM, 2014, p. 53).

---

<sup>3</sup> Enquanto teologias sistemáticas conservadoras como as de autores como Wayne Grudem, Louis Berkhof e Norman Geisler, sustentam firmemente a inerrância bíblica como consequência da perfeição de Deus, outras sistemáticas — especialmente ligadas à teologia liberal ou à neo-ortodoxia — adotam perspectivas distintas, muitas vezes rejeitando a ideia de uma inerrância ilimitada (Grudem, 2014, p. 95). Então, ao afirmar que a teologia sistemática defende amplamente a inerrância, é necessário especificar que tal defesa se dá no âmbito das sistemáticas de orientação conservadora.

### **2.2.2 A impossibilidade de Deus mentir e a inerrância bíblica**

Outro aspecto essencial na relação entre a perfeição de Deus e a inerrância bíblica é a impossibilidade de Deus mentir. Essa afirmação é feita em Nm 23.19: “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa”. e reiterada em Hb 6.18 que afirma que “é impossível que Deus minta”.

Geisler e Roach (2011, p. 90) argumentam que, se a Escritura contivesse erros, isso implicaria que Deus teria permitido falsidade em sua revelação, o que é incompatível tendo em vista sua natureza santa e verdadeira. Assim, admitir qualquer grau de erro na Bíblia comprometeria não apenas a autoridade das Escrituras, mas também o caráter do próprio Deus.

### **2.2.3 A coerência teológica entre Deus e sua revelação**

A inerrância bíblica ilimitada também se baseia na coerência teológica entre a natureza de Deus e a natureza da Escritura. Se Deus é perfeito, imutável e verdadeiro, sua revelação escrita não pode ser imperfeita, sujeita a erros ou falível. Como sintetiza Sproul (1997, p. 46), “negar a inerrância bíblica é questionar a integridade do próprio Deus, pois Ele se revelou nas Escrituras de forma infalível e autoritativa”.

Dessa forma, a relação entre a inerrância bíblica e a perfeição de Deus não é meramente uma questão de conveniência doutrinária, mas uma necessidade lógica e teológica. Se Deus é perfeito e santo, sua revelação escrita deve ser igualmente perfeita e isenta de erros, garantindo que a Bíblia seja um testemunho fiel e confiável da vontade divina para a humanidade.

## **2.3 A COESÃO INTERNA DA BÍBLIA COMO EVIDÊNCIA DE SUA INERRÂNCIA**

A coesão interna da Bíblia é um dos argumentos mais fortes em favor de sua inerrância (WARFIELD, 1948, p. 211). Embora tenha sido escrita ao longo de

aproximadamente 1.500 anos, por cerca de 40 autores diferentes, em contextos culturais e históricos distintos, a Bíblia apresenta uma unidade orgânica (PINK, 2013, p. 73). Nenhuma outra obra da literatura mundial exhibe um nível tão alto de coerência interna, especialmente considerando sua diversidade de estilos, gêneros literários e épocas de composição.

A unidade das Escrituras pode ser observada em diversos aspectos. A seguir apresentar-se-ão alguns deles.

### **2.3.1 A unidade temática como evidência da inspiração e inerrância**

Um dos aspectos mais notáveis da coesão bíblica é sua unidade temática. De Gênesis a Apocalipse, o plano da Redenção é central e fundamental (PINK, 2013, p. 73-76). Essa unidade não pode ser atribuída a uma mera coincidência ou à habilidade dos escritores humanos, mas aponta para uma autoria divina que garantiu a harmonia do conteúdo (FRAME, 2010, p. 176). Grudem (2014, p. 48) diz que a extraordinária unidade da Escritura, apesar de sua diversidade de autores e circunstâncias, é uma forte evidência de sua inspiração divina e, conseqüentemente, de sua inerrância.

Além disso, Geisler e Nix (1997, p. 59) argumentam que a coesão da Bíblia se manifesta na progressão lógica e teológica de suas doutrinas, desde a revelação inicial em Gênesis até seu pleno desenvolvimento no NT.

### **2.3.2 A harmonia doutrinária como testemunho da inerrância**

Outro aspecto da coesão bíblica é a sua consistência doutrinária (Geisler, 2023, p. 315). As Escrituras abordam temas complexos, como a natureza de Deus, a salvação, o pecado e a vida eterna, sem contradições. A doutrina da Justificação pela Fé, por exemplo, encontra fundamentos tanto no AT (Gn 15.6; Hc 2.4) quanto no NT (Rm 1.17; Gl 3.11), demonstrando a progressão, continuidade e unidade da revelação. Warfield (2008, p.136) ressalta: “Se a Bíblia fosse um mero documento humano,

esperava-se encontrar nela inconsistências doutrinárias e teológicas significativas; no entanto, ela apresenta uma coerência notável, evidência de sua origem divina”.

A Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica (1978), no artigo XV, também afirma que a Escritura deve ser interpretada à luz de sua própria coerência interna, pois sua unidade testemunha sua origem divina.

### **2.3.3 A coesão histórica e profética da Bíblia**

A precisão histórica e a progressão profética da Bíblia também fortalecem o argumento da inerrância (GRUDEM, 1994, p. 104). Muitos eventos e promessas do AT se cumprem no NT com detalhes impressionantes. Seguem alguns exemplos:

- Gn 3.15: a promessa do “descendente da mulher” que esmagaria a cabeça da serpente é considerada o primeiro anúncio do evangelho (protoevangelho); Jo 3.16 e Ap 21–22 mostram o cumprimento e o clímax da salvação prometida;
- Is 53: descreve com exatidão o sofrimento do Messias séculos antes de Cristo;
- Mq 5.2 profetiza o nascimento do Messias em Belém, que se cumpriu em Mt 2.1;
- A doutrina da Justificação pela Fé aparece em Gn 15.6 (“Abraão creu e isso lhe foi imputado por justiça”) e é ratificada em Rm 4 (onde Paulo usa exatamente esse exemplo para ensinar a salvação pela fé);
- A ideia de um só Deus e da santidade divina aparece tanto no AT quanto no NT - Lv 11.44 e 1Pe 1.15,16, por exemplo, estão intimamente relacionadas.

Geisler e Roach (2011, p. 142) afirmam: “A correlação exata entre profecias e seu cumprimento, sem contradição ou erro, reforça a inerrância da Escritura”.

Resumindo: a coesão interna da Bíblia não apenas demonstra sua inspiração divina, mas também reforça a doutrina da inerrância. A unidade temática, a harmonia doutrinária e a precisão histórica e profética evidenciam que a Escritura não contém erros, pois reflete a veracidade de Deus. A consistência interna da Bíblia continua

sendo um dos argumentos mais sólidos em favor de sua inerrância, sustentando sua confiabilidade e autoridade para a fé cristã.

## 2.4 O TESTEMUNHO DA TRADIÇÃO CRISTÃ ACERCA DA INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada está profundamente enraizada na tradição cristã histórica (WOODBRIDGE, 1982, p. 244). Desde os primeiros séculos da Igreja, a relação entre a perfeição divina e a inerrância das Escrituras foi reconhecida como um pilar fundamental da fé. A tradição patrística, a teologia medieval, a Reforma Protestante e o evangelicalismo moderno sustentam a ideia de que, se Deus é perfeito, Sua revelação também deve ser perfeita e isenta de erros. É claro que essa posição não foi unânime. Orígenes, por exemplo, tinha “O Pastor de Hermas” como escrito inspirado (Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica, Livro VI, Capítulo 25). Lutero resistiu a reconhecer a carta de Tiago como livro inspirado (BRUCE, 2011, p. 221). Mas essas discordâncias não representam a maioria.

A seguir, exploraremos o testemunho da tradição cristã sobre essa doutrina.

### 2.4.1 A tradição patrística e as escrituras

Diversos Pais da Igreja, em épocas distintas, defenderam a autoridade das Escrituras, como será apresentado a seguir. Para estes, as Escrituras eram a revelação fiel da verdade de Deus e, por isso, não poderiam conter falhas ou contradições.

Vejamos alguns exemplos que sustentam essa ideia:

- Clemente de Roma - um dos primeiros líderes da Igreja após os apóstolos, escreveu em sua Primeira Carta aos Coríntios: “Vós vos curvastes sobre as Sagradas Escrituras, essas verdadeiras Escrituras dadas pelo Espírito Santo. Sabeis que nada de injusto e de falso está escrito nelas” (ROMA, 1997, p. 47);

Essa afirmação demonstra a convicção de Clemente de que as Escrituras são completamente verdadeiras e confiáveis, pois emanam do próprio Deus. Como já mencionado, Geisler e Nix afirmam que, embora se reconheça que o que foi afirmado se refere ao AT, ainda assim, de forma lógica e implícita, o NT também está incluído nessa mesma asserção de inspiração (GEISLER; NIX, 2021, local. 5%).

- Irineu de Lião - em sua obra *Contra as Heresias*, argumenta que a Escritura é a norma infalível da verdade: “A Escritura é perfeita, tendo sido falada pelo Verbo de Deus e Seu Espírito” (Irineu, *Contra as Heresias*, 2.28.2). Embora grande parte da tradição cristã protestante não crê que as Escrituras tenham sido literalmente ditadas por Deus, palavra por palavra (VANHOOZER, 2010, p. 48), isso não contradiz a crença de Irineu de que a perfeição de Deus implica que Sua revelação nas Escrituras também seja perfeita e inerrante;
- Agostinho de Hipona - Agostinho foi um dos maiores defensores da inerrância das Escrituras na tradição cristã. Ele declarou em sua Carta a Jerônimo (Carta 82):

Aprendi a render esse respeito e honra apenas aos livros canônicos das Escrituras: somente desses acredito firmemente que os autores estavam completamente livres de erros. E se nestes escritos estou perplexo por qualquer coisa que me pareça oposta à verdade, não hesito em supor que o manuscrito é falho ou o tradutor não captou o significado do que foi dito, ou eu mesmo não fui capaz de entendê-lo (AGOSTINHO, 405 d.C.).

Para Agostinho, qualquer erro nas Escrituras comprometeria sua autoridade divina. Ele baseia essa convicção na perfeição de Deus: se Deus é perfeito, Sua Palavra não pode conter falhas.

- João Crisóstomo - tratava a Escritura como absolutamente confiável, mesmo nos detalhes históricos, doutrinários e morais. Em suas homilias, ele frequentemente defendia a harmonia entre os evangelhos, buscando explicações para aparentes contradições. Na Homilia I sobre o Evangelho de Mateus ele afirmou: “Nos principais pontos, os que constituem a nossa vida e fundamentam a nossa doutrina, não se encontra entre eles nenhuma divergência, nem mesmo mínima” (CHRYSOSTOM, 1893, Hom. 1, p. 4 - tradução minha).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Texto original: *In the chief heads, those which constitute our life and furnish out our doctrine, nowhere is any of them found to have disagreed, no not ever so little* (HOMILY 1, p. 4).

Assim, essa afirmação de harmonia revela sua convicção de que os textos sagrados não se contradizem, pois têm um só autor divino.

### 2.4.2 A teologia medieval

Durante a Idade Média, diversos autores endossaram a doutrina da inerrância bíblica como central na teologia cristã. Reconhecia-se a Bíblia como a revelação perfeita de Deus, protegida do erro por sua origem divina.

- Pedro Lombardo - em sua obra *Libri Quattuor Sententiarum* (Quatro livros das Sentenças), que serviu como o principal manual teológico nas universidades medievais, reiterou a autoridade absoluta da Escritura. Ele defendia que a Bíblia é a norma final da verdade e que, por sua origem divina, é isenta de erros. Ao compilar e interpretar os ensinamentos dos Pais da Igreja, Lombardo reforça a ideia de que a Escritura é infalível porque sua origem é divina: “A Sagrada Escritura, inspirada por Deus, não pode conter erro, pois a verdade divina não engana nem pode ser enganada” (LOMBARDO, 1981, I.3.1, tradução minha).<sup>5</sup>

A posição de Lombardo ecoa a tradição patrística e prepara o caminho para a formulação sistemática da inerrância por teólogos posteriores.

- Tomás de Aquino - um dos maiores teólogos medievais, afirmou: “A Sagrada Escritura, sendo inspirada por Deus, não pode conter erro algum” (AQUINO, I, q. 1, a., 2010);

Aquino argumenta que, como Deus é a verdade suprema (*veritas prima*) (AQUINO, I, q. 16, a. 5), a Palavra que Ele revelou ao homem deve ser igualmente verdadeira e isenta de erros.

- Boaventura - um dos principais teólogos franciscanos, abordou a inerrância bíblica em seu *Commentaria in Quatuor Libros Sententiarum* (Comentário sobre os Quatro Livros das Sentenças). Ele argumenta que, sendo a Escritura inspirada pelo Espírito Santo, é necessariamente livre de erros.

---

<sup>5</sup> Texto original: *Sacra Scriptura, divinitus inspirata, errorem habere nequit, quoniam veritas divina nec fallere potest nec falli.*

Para Boaventura, negar a inerrância da Bíblia significaria questionar a própria fidelidade de Deus. Ele escreveu: “A Sagrada Escritura procede do Espírito Santo, que é a própria Verdade; por isso, nela não pode haver erro algum” (BOAVENTURA, Livro I, Distinção 1, Parte 2, tradução minha)<sup>6</sup>;

Essa defesa da inerrância está alinhada com a tradição teológica anterior e será reforçada por outros teólogos escolásticos.

- João Duns Scotus - também reconheceu a confiabilidade absoluta das Escrituras. Para ele, a revelação escrita não poderia conter erros, pois Deus não pode se contradizer. Em seus escritos teológicos, ele destaca:

A Sagrada Escritura, sendo expressão da vontade divina, deve ser recebida como absolutamente verdadeira, pois Deus, sendo a Verdade suprema, não pode falar falsamente (SCOTUS, 1891, Livro I, Distinção 2, Questão 2, tradução minha).<sup>7</sup>

Scotus reforça, assim, a ligação entre a perfeição divina e a inerrância bíblica, um princípio essencial da teologia cristã.

- Guilherme de Ockham - também sustentava a autoridade e infalibilidade da Bíblia. Para ele, a Escritura era a base final da teologia e, como revelação divina, era isenta de erros. Em suas discussões sobre a relação entre razão e fé, ele afirma: “Tudo o que está contido nas Sagradas Escrituras deve ser aceito sem dúvida, pois procede de Deus, que é infalível e não pode errar” (OCKHAM, 1901, tradução minha).<sup>8</sup>

Essa abordagem destaca sua crença na clareza e suficiência da Bíblia como base para a fé e a prática cristã.

### 2.4.3 A reforma protestante

Reformadores como Lutero e Calvino reafirmaram fortemente a inerrância das Escrituras, rejeitando qualquer possibilidade de erro no texto sagrado. Vejamos:

---

<sup>6</sup> Texto original: *Sacra Scriptura a Spiritu Sancto, qui ipsa Veritas est, procedit; ideo in ea nullus error esse potest.*

<sup>7</sup> Texto original: *Sacra Scriptura, cum sit expressio voluntatis divinae, ut omnino verax recipienda est; Deus enim, cum sit ipsa Veritas suprema, falsum loqui non potest.*

<sup>8</sup> Texto original: *Omnia quae in Sacris Scripturis continentur, sine dubitatione sunt accipienda, cum a Deo, qui infallibilis est nec errare potest, procedant.*

- Martinho Lutero - sustentava que a Escritura era infalível e a única autoridade final sobre a fé cristã (*Sola Scriptura*). Ele escreveu: “As Escrituras nunca erram” (LUTERO, 2017);

Para Lutero, a Bíblia é a Palavra de Deus e, como tal, não pode conter falsidade.

- João Calvino - também defendeu a inerrância ilimitada da Escritura, declarando: “Devemos ter por certo o que nela [nas Escrituras] se nos propõe, vindo, sem dúvida, não da boca dos homens, mas da própria boca de Deus” (CALVINO, 2006, Livro I, Cap. 7, Seção 5).

Calvino argumenta, então, que negar a inerrância das Escrituras seria equivalente a acusar Deus de erro, o que é teologicamente inadmissível.

#### 2.4.4 O evangelicalismo moderno<sup>9</sup>

Segundo Geisler e Roach (2024, p. 28-31), a formulação oficial e sistemática da doutrina da inerrância bíblica ganhou destaque especialmente nos Estados Unidos, na década de 1970, em um contexto de crescente contestação da autoridade das Escrituras dentro e fora do meio teológico. Cita-se a influência da teologia liberal, cuja ênfase recaía mais na experiência religiosa e nos valores éticos do que na revelação objetiva e proposicional. Autores como Friedrich Schleiermacher, Albrecht Ritschl e Rudolf Bultmann propuseram abordagens nas quais a Bíblia era vista não como a Palavra de Deus, infalível, mas como um testemunho humano e falível da fé. Na sequência, a teologia neo-ortodoxa, representada por Karl Barth e Emil Brunner, também relativizou a noção de inerrância, entendendo a Escritura como um meio pelo qual Deus fala, mas não como um texto infalível em todos os aspectos.

---

<sup>9</sup> O evangelicalismo moderno é um movimento protestante diversificado, caracterizado pela ênfase na experiência de conversão pessoal (“novo nascimento”), na autoridade da Bíblia como palavra de Deus, na centralidade da morte e ressurreição de Jesus Cristo para a salvação e na importância da evangelização e do testemunho da fé. Surgiu em meados do século XX como uma reação tanto ao liberalismo teológico quanto ao fundamentalismo mais isolacionista. Busca engajar-se com a cultura contemporânea, mantendo suas convicções teológicas centrais. Abrange uma ampla gama de denominações e ministérios independentes, com diferentes expressões teológicas, sociais e políticas (Bebbington, 1989).

Como resposta a esse cenário, foi fundado em 1977 o *International Council on Biblical Inerrancy* (ICBI), reunindo teólogos evangélicos conservadores influentes com o propósito de articular, promover e defender a doutrina da inerrância bíblica. O ICBI organizou um encontro histórico em outubro de 1978, em Chicago, Illinois, reunindo cerca de 200 eruditos, pastores e líderes cristãos de diversas denominações. Deste encontro resultou a Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica, um documento com 19 artigos de afirmação e negação, além de um prefácio e uma exposição explicativa. Entre os signatários e redatores estavam nomes como R.C. Sproul, Norman L. Geisler, James Montgomery, John Gerstner, J.I. Packer e Francis Schaeffer, todos comprometidos com a defesa da autoridade bíblica.

Como visto anteriormente, teólogos como Augustus Strong (1907), Benjamin B. Warfield (1911), Norman Geisler (1980), Paul Feinberg (1980) e Wayne Grudem (1994), cujas obras têm sido centrais para a teologia evangélica conservadora contemporânea, destacaram que a Bíblia deve ser considerada infalível e precisa em todas as suas declarações.

Portanto, a reafirmação dessa doutrina pela Declaração de Chicago Sobre a Inerrância Bíblica visou combater as tendências de questionamento da autoridade das Escrituras que surgiram principalmente com a ascensão de movimentos teológicos como a teologia liberal e a neo-ortodoxia, os quais, ao longo do século XIX e início do século XX, começaram a propor uma visão da Bíblia como um livro com falhas humanas ou que não deveria ser lido literalmente em todas as suas partes (BULTMANN, 1961, p. 5). A Declaração de Chicago Sobre a Inerrância Bíblica não apenas reafirmou a inerrância bíblica, mas também a contextualizou como uma resposta às pressões externas de um mundo cada vez mais secular e relativista, afirmando que a Bíblia permanece como a fonte suprema de verdade e autoridade para o cristão, sem sofrer alterações por influências culturais, científicas ou filosóficas. Citamos, a seguir, alguns artigos da Declaração (ICBI, 1978) que elucidam a defesa da inerrância das Escrituras:

#### Artigo XI

Afirmamos que as Escrituras, tendo sido dadas por inspiração divina, são infalíveis, de tal forma que, longe de nos enganarem, são verdadeiras e confiáveis em tudo o que afirmam.

Negamos que seja possível que a Bíblia seja, ao mesmo tempo, infalível e errônea em suas afirmações. A infalibilidade e a inerrância das Escrituras não podem ser separadas.

#### Artigo XII

Afirmamos que a Escritura em sua totalidade é inerrante, sendo livre de falsidade, fraude ou engano.

Negamos que a inerrância seja limitada apenas a assuntos espirituais, religiosos ou redentivos, excluindo afirmações nos campos da história e da ciência.

Artigo XIII

Afirmamos a correção total da Escritura e que ela é verdade em tudo o que afirma.

Negamos, por conseguinte, que seja legítimo rejeitar a inerrância bíblica sob o pretexto de que os escritores inspirados usaram convenções literárias ou modos de expressão hoje considerados errôneos.

Artigo XIV

Afirmamos a unidade e a coerência interna das Escrituras.

Negamos que alegadas discrepâncias ou aparentes contradições invalidem as declarações bíblicas quanto à verdade.

Artigo XIX

Afirmamos que uma confissão de plena autoridade, infalibilidade e inerrância das Escrituras é vital para uma compreensão sã da fé cristã. Afirmamos ainda que tal confissão deve produzir maior conformidade com a imagem de Cristo, não menos.

Negamos que tal confissão seja necessária para a salvação. No entanto, negamos também que a inerrância possa ser rejeitada sem graves consequências, tanto para o indivíduo como para a Igreja (ICBI, 1978, art. 11-14 e 19).

Diante de tudo o que foi exposto, ousar dizer que a doutrina da inerrância bíblica ilimitada é bastante plausível no que diz respeito às reivindicações que a Bíblia faz de si mesma, à teologia ortodoxa e à história da igreja cristã.

O próximo capítulo concentra-se na análise das principais objeções levantadas contra a inerrância bíblica ilimitada. São exploradas as concepções da teologia liberal e da neo-ortodoxia, duas das correntes teológicas mais influentes na rejeição da inerrância. A teologia liberal, influenciada pelo Iluminismo e pelo pensamento racionalista, propõe uma visão mais crítica das Escrituras, tratando a Bíblia como documento histórico sujeito a erros humanos e mitos religiosos. O impacto dessa abordagem é examinado, bem como suas consequências para a interpretação bíblica e a autoridade das Escrituras. Já a neo-ortodoxia, formulada por Karl Barth e Emil Brunner, argumenta que a Bíblia contém a Palavra de Deus, mas não é, em si mesma, a Palavra de Deus, o que abre espaço para a relativização de sua autoridade.

O capítulo discute os principais argumentos dessas correntes e seus impactos sobre a hermenêutica bíblica, analisando até que ponto suas críticas desafiam a sustentação da inerrância ilimitada.

### 3 CONTESTAÇÕES À INERRÂNCIA ILIMITADA: NEO-ORTODOXIA E TEOLOGIA LIBERAL

Como visto no capítulo anterior, a doutrina da inerrância bíblica ilimitada tem sido historicamente sustentada como fundamento essencial da fé cristã dita ortodoxa, sendo considerada por muitos teólogos como uma condição necessária para a autoridade plena das Escrituras. Essa doutrina assenta-se sobre a convicção de que Deus é a fonte última da Escritura, e sendo ele veraz em sua natureza (Nm 23.19; Tt 1.2; Hb 6.18), a revelação escrita não pode conter erro em nenhuma de suas partes. Geisler observa que

A inerrância plena é consequência lógica da natureza de Deus, que é perfeitamente veraz, e da inspiração verbal e plenária das Escrituras, que as tornam uma extensão do caráter divino (GEISLER, 2002, p. 141 - tradução minha).<sup>10</sup>

Assim, a inerrância não é apenas uma inferência doutrinária, mas um corolário necessário da própria teologia cristã ortodoxa.

Grudem (2014, p. 90) sustenta que a inerrância é indispensável à doutrina da suficiência e autoridade das Escrituras: “Se mesmo uma parte da Bíblia contivesse erro, toda a autoridade do texto sagrado estaria comprometida”. Strong (2010, p. 195) acrescenta que a revelação bíblica deve ser entendida como proposicional, objetiva e infalível, pois transmite a verdade divina por meio de palavras inspiradas pelo Espírito Santo. B. B. Warfield defende vigorosamente a inspiração verbal plenária como salvaguarda da confiabilidade bíblica. Ele assevera que “a Bíblia é a Palavra de Deus na medida em que, em todos os seus detalhes, é o próprio Deus quem fala” (WARFIELD, 2008, p. 173 - tradução minha).<sup>11</sup>

Segundo Geisler (2010, p. 291-323), o advento do Iluminismo alterou profundamente o cenário teológico ocidental. A crítica histórica e literária das Escrituras introduziu um paradigma interpretativo que colocava a Bíblia no mesmo nível de análise de qualquer outro documento da antiguidade. Nesse novo contexto,

---

<sup>10</sup> Texto original: *Full inerrancy constitutes a logical consequence of the very nature of God, who is perfectly truthful, and of the verbal and plenary inspiration of the Scriptures, whereby they are rendered an extension of the divine character.*

<sup>11</sup> Texto original: *The Bible is the Word of God insofar as, in every detail, it is God Himself who speaks.*

surgiram correntes teológicas que reavaliaram a doutrina da inerrância à luz das transformações epistemológicas e culturais da modernidade.

A teologia liberal, fortemente influenciada pelo idealismo kantiano e pela hermenêutica romântica (MCGRATH, 2005, p. 231-235), constitui uma dessas reações. Friedrich Schleiermacher deslocou o centro da fé cristã da revelação objetiva para a experiência subjetiva, sendo a Bíblia apenas um testemunho cultural dessa experiência. Ele rejeitou qualquer concepção da Escritura como proposicionalmente inerrante: a verdade religiosa é existencial, e não doutrinária. A revelação não é comunicada por meio de palavras infalíveis, mas se manifesta na vivência da dependência absoluta de Deus.<sup>12</sup>

Albrecht Ritschl redefiniu o cristianismo como um sistema ético voltado à promoção do Reino de Deus na história. O valor da Bíblia reside na sua utilidade prática, não em sua veracidade objetiva. A inerrância torna-se irrelevante, pois a verdade teológica é reduzida à eficácia moral do ensino de Jesus. Rudolf Bultmann propôs a desmitologização do NT, visando libertar a fé cristã do misticismo dos tempos antigos: a Bíblia contém elementos que devem ser reinterpretados à luz da filosofia existencialista, o que nega implicitamente a possibilidade de inerrância textual.

A neo-ortodoxia emergiu no século XX como reação tanto à teologia liberal quanto ao colapso das promessas do racionalismo moderno (MCGRATH, 2013, p. 50). Karl Barth restabeleceu a centralidade da revelação, mas não nos moldes tradicionais. Para ele “a Bíblia não é em si a Palavra de Deus, mas torna-se Palavra de Deus quando Deus se revela por meio dela” (BARTH, 2003, p. 179). Essa distinção entre palavra humana e revelação divina rompe com a visão da Escritura como inerrante, admitindo erros e limitações humanas no texto bíblico, que é um testemunho falível da revelação.

Emil Brunner enfatizou que a revelação se dá no encontro pessoal entre Deus e o ser humano e não nas palavras do texto bíblico: a inerrância, como conceito absoluto, é impraticável. Reinhold Niebuhr representou outro viés da neo-ortodoxia, aplicando suas ideias à ética social. Para ele:

A revelação bíblica não é uma coleção de proposições doutrinárias, mas um testemunho histórico que deve ser interpretado levando em conta a tensão entre a bondade da criação e a corrupção do pecado. [...] A interpretação

---

<sup>12</sup> O pensamento de Schleiermacher e dos demais teólogos liberais e neo-ortodoxos citados nessa introdução serão explorados mais adiante.

exige sensibilidade à profundidade da condição humana (NIEBUHR, 1969, p. 152-155 - tradução minha).<sup>13</sup>

As contestações à doutrina da inerrância ilimitada partem de diferentes pressupostos filosóficos e hermenêuticos, mas convergem na rejeição da Bíblia como revelação absolutamente isenta de erro. Diante disso tudo, a teologia ortodoxa tem de reafirmar os fundamentos bíblicos e teológicos da inerrância, demonstrando que, longe de ser uma construção dogmática arbitrária, ela é coerente com a natureza de Deus, com a doutrina da inspiração e com o testemunho histórico da fé cristã. Como afirma Packer (1958, p. 91), “negar a inerrância é minar a confiabilidade da Escritura e, por conseguinte, comprometer toda a edificação da fé cristã sobre o fundamento da Palavra de Deus”.

As respostas da teologia cristã ortodoxa são dadas no próximo capítulo. Passamos agora a examinar proposições da teologia liberal e da neo-ortodoxia.

### 3.1 A TEOLOGIA LIBERAL E A CONTESTAÇÃO DA INERRÂNCIA

A teologia liberal surgiu no bojo das transformações culturais, filosóficas e científicas advindas do Iluminismo, período em que o racionalismo e o cientificismo passaram a ocupar lugar central no pensamento ocidental (MCGRATH, 2013, p. 51). Nesse contexto, a fé cristã foi reinterpretada à luz da razão e da experiência humana e a Escritura passou a ser vista como uma produção condicionada culturalmente. O pressuposto básico da teologia liberal é que a religião deve ser compreendida de forma compatível com a razão moderna, descartando o sobrenatural como critério de verdade e submetendo os textos sagrados ao crivo da crítica histórica e literária (SCHLEIERMACHER, 2003, p. 48).

Schleiermacher foi o primeiro a propor um novo fundamento para a fé cristã, não mais baseado em doutrinas reveladas, mas na experiência religiosa subjetiva. A Bíblia não é mais a revelação de Deus em si, mas um testemunho das experiências religiosas do povo de Israel e da igreja primitiva. Ele argumenta que “a revelação

---

<sup>13</sup> Texto original: *Biblical revelation is not a collection of doctrinal propositions, but a historical testimony that must be interpreted in light of the tension between the goodness of creation and the corruption of sin. [...] Interpretation requires sensitivity to the depth of the human condition.*

divina não consiste em verdades comunicadas por meio de palavras, mas na auto-apresentação de Deus à consciência humana” (SCHLEIERMACHER, 1996, p. 78 - tradução minha).<sup>14</sup>

Albrecht Ritschl prosseguiu na mesma linha, enfatizando a dimensão ética da fé cristã em detrimento das formulações doutrinárias tradicionais. Meine Veldman, ao analisar a doutrina de Ritschl afirma:

Para Ritschl, o que satisfaz o desejo de chamar as Escrituras de autoritativas é o testemunho dos primeiros apóstolos de Jesus Cristo, ou seja, de Sua pessoa e obra como fundador da religião cristã, conforme incorporado nas primeiras comunidades cristãs e registrado no Novo Testamento. Esses apóstolos, por sua vez, estavam na tradição dos profetas do Antigo Testamento (VELDMAN, 2025).<sup>15</sup>

Em sua perspectiva, a autoridade da Bíblia não reside na sua inspiração ou inerrância, mas em sua utilidade prática para fomentar valores morais e sociais.

Rudolf Bultmann radicalizou o projeto liberal ao propor a “desmitologização” das Escrituras, ou seja, a retirada dos elementos sobrenaturais e “míticos” dos textos bíblicos, a fim de torná-los compreensíveis ao homem moderno. Segundo ele, “é impossível usar a luz elétrica e recorrer a meios médicos modernos, e ao mesmo tempo crer no mundo dos espíritos e milagres do Novo Testamento” (BULTMANN, 1973, p. 9 - tradução minha).<sup>16</sup>

Walter Rauschenbusch, teólogo do movimento do Evangelho Social, também contribuiu para a releitura da Escritura ao afirmar que “o cristianismo precisa ser julgado pelo seu impacto social, e não pela aderência a doutrinas ortodoxas” (RAUSCHENBUSCH, 1917, p. 54 - tradução minha)<sup>17</sup>. Para ele, o valor da Bíblia está em seu apelo à justiça e à transformação das estruturas sociais, não em sua precisão teológica ou histórica.

Em resumo, a teologia liberal deslocou o eixo da revelação divina da objetividade do texto bíblico para a subjetividade da experiência religiosa. A Bíblia deixou de ser considerada a Palavra infalível de Deus e passou a ser vista como um

<sup>14</sup> Texto original: *Die göttliche Offenbarung besteht nicht in durch Worte vermittelten Wahrheiten, sondern in der Selbstoffenbarung Gottes gegenüber dem menschlichen Bewusstsein.*

<sup>15</sup> Disponível em

[https://www.academia.edu/14173457/A\\_Summary\\_Analysis\\_and\\_Appraisal\\_of\\_Albrecht\\_Ritschls\\_Doctrine\\_of\\_the\\_Word\\_of\\_God\\_and\\_Justification](https://www.academia.edu/14173457/A_Summary_Analysis_and_Appraisal_of_Albrecht_Ritschls_Doctrine_of_the_Word_of_God_and_Justification). Acesso em: 6 maio 2025

<sup>16</sup> Texto original: *It is impossible to use electric light and rely on modern medical means, and at the same time believe in the world of spirits and miracles of the New Testament.*

<sup>17</sup> Texto original: *Christianity must be judged by its social impact, not by adherence to orthodox doctrines.*

registro histórico das percepções humanas sobre o divino. (Tillich, 2004, p. 59) resume: “a Bíblia é sagrada não porque cada palavra seja verdadeira, mas porque através dela o Espírito de Deus se expressa na história”. Essa concepção representou uma ruptura significativa com a doutrina clássica da inerrância, pois relativiza a autoridade das Escrituras e a submete aos critérios da razão moderna. Embora busque tornar a fé cristã mais aceitável ao pensamento contemporâneo, a teologia liberal termina por esvaziar a noção de verdade objetiva revelada, substituindo-a por uma abordagem histórico-crítica e existencial.

Passaremos agora a abordar, com mais profundidade, cada um dos teólogos liberais citados.

### **3.1.1 Friedrich Schleiermacher e a Bíblia como expressão da experiência religiosa**

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768–1834), considerado o marco inaugural da teologia liberal moderna (DORRIEN, 2001, p. 21), representou uma inflexão decisiva na compreensão da fé cristã, ao deslocar o foco da revelação divina objetiva para a experiência subjetiva. A essência da religião cristã não está nas doutrinas ou dogmas sistematizados, mas em uma vivência existencial da dependência absoluta de Deus. Essa ideia é articulada em sua obra fundamental *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche* (A Fé Cristã segundo os Princípios da Igreja Evangélica), na qual afirma: “A essência da religião consiste, portanto, não em conhecimento ou ação, mas em intuição e sentimento” (SCHLEIERMACHER, 1996, p. 6 - tradução minha).<sup>18</sup>

Ele rejeitou a ideia de se tratar a Bíblia como um conjunto de proposições divinamente inspiradas e infalíveis. Ela passou a ser vista como um documento histórico que contém o testemunho da experiência religiosa de indivíduos e comunidades do passado. A autoridade das Escrituras não é mais inerente ao texto em si, mas decorre de sua capacidade de mediar uma experiência semelhante de fé

---

<sup>18</sup> Texto original: *Das Wesen der Religion besteht daher nicht in Erkenntnis oder Handeln, sondern in Intuition und Gefühl.*

nos leitores contemporâneos. Schleiermacher reformulou o conceito de inspiração, considerando-a não como uma operação sobrenatural direta do Espírito Santo sobre os autores bíblicos, mas como o reflexo da profundidade espiritual de suas vivências religiosas. McGrath (2005, p. 75) resume: “a autoridade bíblica, para Schleiermacher, é derivada da sua capacidade de comunicar a experiência originária da fé cristã e não de uma infalibilidade textual”.

Influenciado pelo idealismo alemão, especialmente por Kant e Herder (DORRIEN, 2001, p. 25), Schleiermacher também adotou uma hermenêutica crítica, defendendo que os textos bíblicos devem ser interpretados historicamente, levando em conta as circunstâncias culturais, sociais e linguísticas em que foram produzidos (Thiselton, 2009, p. 212). Isso rompeu com a visão tradicional de que a Bíblia é atemporal em sua aplicação e proposições. Como afirma Tillich (2004, p. 52), “Schleiermacher rompeu com o dualismo entre fé e razão, propondo uma teologia que emerge da própria consciência religiosa”.

A Bíblia não é mais o fundamento último da teologia, mas um ponto de partida histórico para a reflexão sobre a fé. A doutrina cristã torna-se uma sistematização racional da experiência da comunidade eclesial. “Toda teologia, para Schleiermacher, deve ser uma reconstrução sistemática da experiência cristã, fundamentada na autoconsciência da dependência absoluta em relação a Deus” (GONZÁLEZ, 2005, p. 810).

Essa mudança teve implicações profundas para a doutrina da inerrância bíblica. Schleiermacher não somente negou a infalibilidade verbal das Escrituras, mas também relativizou seu conteúdo doutrinário: a validade teológica dos textos está subordinada à sua capacidade de expressar a experiência cristã fundamental. Ele sustentou que a Bíblia pode conter erros históricos, científicos e até mesmo doutrinários, desde que estes não comprometam a centralidade da experiência de redenção em Cristo. Ele disse:

Se a fé em Cristo deve ser estabelecida com base na autoridade da Bíblia, como essa autoridade pode ser estabelecida? Não pode ser por demonstração racional, pois isso introduziria uma desigualdade entre os cristãos, como alguns capazes de seguir a cadeia de raciocínio que demonstra a autoridade da Bíblia, e outros tendo que aceitar sua autoridade por confiança... A fé dos primeiros discípulos originou-se no encontro pessoal com Jesus. Portanto, a fé cristã não está necessariamente ligada à crença de que os livros da Bíblia possuem um status especial; essa fé pode repousar sobre qualquer outro tipo de testemunho que seja resultado da percepção

real do poder espiritual de Cristo — pode repousar, isto é, simplesmente na tradição oral(SCHLEIERMACHER, 1830, §128 - tradução minha).<sup>19</sup>

Schleiermacher foi pioneiro em uma abordagem que desloca a teologia da esfera da revelação objetiva e proposicional para o campo da antropologia religiosa e da subjetividade humana. Sua influência foi determinante para o desenvolvimento da teologia liberal ao inaugurar um modelo de interpretação bíblica que valoriza a crítica histórica, a linguagem simbólica e o papel mediador da experiência religiosa.

### 3.1.2 Albrecht Ritschl e a redução ética das escrituras

Albrecht Ritschl (1822–1889), um dos principais representantes da segunda geração da teologia liberal alemã (DORRIEN, 2001, p. 65), aprofundou o deslocamento iniciado por Schleiermacher ao propor uma concepção ética da religião cristã, alicerçada na experiência histórica da comunidade cristã e nos valores práticos do Reino de Deus (OLSON, 1999, p. 543). Em sua obra principal, *Die christliche Lehre von der Rechtfertigung und Versöhnung* (A Doutrina Cristã da Justificação e da Reconciliação), Ritschl sustentou que a essência do cristianismo está na realização moral do Reino de Deus na história, sendo Jesus o modelo ético supremo da humanidade redimida (RITSCHL, 2005, p. 48).

Ritschl rejeitou qualquer forma de metafísica especulativa como fundamento para a fé. Influenciado pelas críticas de Kant à razão pura e ao conhecimento metafísico, ele afirmou que a religião deve ser julgada por sua utilidade prática na vida moral dos indivíduos e na edificação da comunidade (Ritschl, 2005, p. 49). Para ele a verdade religiosa é o que promove o bem moral e fortalece os laços de comunhão entre as pessoas. Como observa Olson (2002, p. 273), “Ritschl eliminou da teologia cristã toda especulação metafísica e toda concepção de uma revelação objetiva

---

<sup>19</sup> Texto original: *Wenn der Glaube an Christus auf der Autorität der Bibel gegründet werden soll, wie kann dann diese Autorität begründet werden? Sie kann nicht durch rationale Demonstration erfolgen, da dies eine Ungleichheit unter den Christen einführen würde: Einige wären imstande, der Argumentationskette zu folgen, die die Autorität der Bibel beweist, während andere gezwungen wären, ihre Autorität im Vertrauen anzunehmen... Der Glaube der ersten Jünger entstand aus der persönlichen Begegnung mit Jesus. Daher ist der christliche Glaube nicht notwendigerweise mit dem Glauben verbunden, dass die Bücher der Bibel einen besonderen Status besitzen; dieser Glaube kann sich auf jede andere Art von Zeugnis stützen, das das Ergebnis der realen Wahrnehmung der geistlichen Kraft Christi ist – er kann sich, das heißt, einfach auf die mündliche Tradition stützen.*

sobrenatural, substituindo-a por uma ética comunitária centrada na imitação de Jesus”.

A Bíblia passou a ser um testemunho histórico da experiência religiosa da comunidade cristã e não um compêndio infalível de verdades (DORRIEN, 2001, p. 101). A autoridade do texto sagrado não reside na sua origem sobrenatural, mas na sua capacidade de comunicar os ideais éticos do cristianismo. O valor das Escrituras é funcional e pedagógico, não doutrinário ou absoluto. A verdade bíblica consiste em sua utilidade para promover uma vida moralmente elevada e socialmente harmoniosa. “O conteúdo da fé cristã é determinado pelos valores práticos e éticos que conduzem à constituição de uma comunidade moral regida pelo amor”, afirma Ritschl (2005, p. 84 - tradução minha).<sup>20</sup>

Essa abordagem implica uma relativização radical da autoridade tradicional das Escrituras. Os elementos sobrenaturais são interpretados como expressões simbólicas da fé das primeiras comunidades, e não como eventos históricos objetivos. Como aponta Tillich (2004, p. 74), “Ritschl vê os elementos milagrosos e metafísicos da fé cristã como mitológicos, destinados a expressar o valor prático da vida religiosa, não como proposições doutrinárias a serem afirmadas literalmente”.

A “redução ética” das Escrituras representou uma reinterpretação profunda da Bíblia, cujo papel passou a ser o de inspirar a ação moral (WELCH, 1985, p. 240). O cristianismo foi reconceituado como um movimento ético-histórico, cuja finalidade é promover a liberdade, o amor e a justiça no seio da sociedade. Como sintetiza McGrath (2005, p. 112), “Para Ritschl, o Reino de Deus é um ideal ético que deve ser concretizado na história por meio da prática da justiça e da solidariedade, não uma realidade escatológica sobrenatural”.

Ao colocar a ética como núcleo da fé cristã e relativizar os aspectos sobrenaturais da Escritura, Ritschl contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de uma teologia liberal centrada no humanismo, na crítica racional e na função social da religião. Ainda que sua proposta tenha sido criticada por teólogos conservadores e neo-calvinistas, sua influência permanece visível em correntes teológicas contemporâneas que buscam reinterpretar a fé cristã à luz das exigências éticas da modernidade, como a Teologia da Libertação, a Teologia Feminista e a Teologia Negra, por exemplo.

---

<sup>20</sup> Texto original: *Der Inhalt des christlichen Glaubens wird durch die praktischen und ethischen Werte bestimmt, die zur Bildung einer moralischen Gemeinschaft führen, die durch die Liebe regiert wird.*

### 3.1.3 Rudolf Bultmann e a desmitologização das escrituras

Rudolf Bultmann (1884–1976) representa uma das figuras mais influentes da teologia do século XX, particularmente no que diz respeito à crítica à concepção tradicional da inerrância bíblica (OLSON, 2002, p. 274). Ele buscou reinterpretar o cristianismo à luz da filosofia moderna, em especial do existencialismo de Heidegger. Seu projeto teológico mais conhecido foi o da *Entmythologisierung* – a desmitologização das Escrituras –, pelo qual ele procurou remover os elementos mitológicos do Novo Testamento para torná-lo inteligível ao homem moderno (BULTMANN, 1961, p. 5).

Para ele, os evangelhos e outros textos bíblicos foram redigidos num contexto cultural moldado por uma cosmovisão mítica, própria de uma mentalidade pré-científica, na qual acontecimentos sobrenaturais eram aceitos sem questionamento. No entanto, tais concepções não são mais compatíveis com o pensamento moderno, que opera a partir de critérios científicos e filosóficos rigorosos. “Seria impossível usar a luz elétrica e recorrer à medicina moderna e ao mesmo tempo acreditar nos espíritos e milagres do Novo Testamento” (BULTMANN, 1961, p. 5). Assim, os elementos sobrenaturais da narrativa bíblica devem ser interpretados como expressões simbólicas de verdades existenciais e não como fatos históricos objetivos.

Bultmann negou a possibilidade de uma revelação objetiva e proposicional. A verdade do evangelho não reside em eventos miraculosos passados, mas na proclamação que interpela o ouvinte no presente, chamando-o a uma decisão existencial. O foco da fé não é a aceitação de doutrinas inerrantes, mas a resposta pessoal ao chamado de Deus. Como afirma Bultmann (1973, p. 25), “a fé cristã é um acontecimento existencial; ela não consiste na aceitação de doutrinas ou na crença em acontecimentos sobrenaturais, mas na autocompreensão do ser humano diante de Deus”.

A base epistemológica da proposta bultmanniana repousa em uma leitura hermenêutica existencial da Escritura (CONGDON, 2015, p. 15). A interpretação do texto bíblico não visa reconstruir o passado histórico, mas desvelar o sentido existencial que ele comunica ao leitor contemporâneo. Assim, a Escritura é lida como um discurso simbólico que expressa verdades antropológicas fundamentais, e não como um registro factual infalível. Como aponta McGrath (2005, p. 327), “Bultmann

procurava salvar a fé cristã da irrelevância, reinterpretando-a de forma que permanecesse significativa para o homem moderno, sem as amarras da mitologia antiga”.

Ao abandonar a ideia de inerrância textual, Bultmann sustentou que os evangelhos contêm erros históricos, contradições e representações mitológicas que não comprometem sua verdade teológica, desde que essa verdade seja compreendida de maneira existencial. Grenze Olson (2006, p. 105) dizem: “para Bultmann, a verdade do Novo Testamento não se mede pela correspondência histórica, mas pela sua capacidade de confrontar o leitor com a exigência de uma nova existência diante de Deus”.

Essa concepção implicou uma ruptura profunda com a visão clássica da Escritura como revelação divina objetiva e inerrante. A autoridade bíblica não é inerente ao texto em si, mas emerge do encontro existencial entre o leitor e o conteúdo proclamado. O resultado é uma hermenêutica que relativiza o texto bíblico como documento histórico, concentrando-se exclusivamente no impacto existencial que ele provoca. Como resume Tillich (2004, p. 114), “Bultmann não nega a importância do conteúdo da Escritura, mas rejeita a ideia de que esse conteúdo deva ser interpretado literalmente ou historicamente”.

Assim, a desmitologização não é uma negação da fé, mas uma tentativa de preservá-la em um contexto onde as categorias míticas se tornaram ininteligíveis. No entanto, ao fazer isso, Bultmann rompe com a doutrina tradicional da inerrância bíblica, defendendo que a Escritura deve ser constantemente reinterpretada em diálogo com a filosofia contemporânea, a fim de continuar relevante e compreensível.

#### **3.1.4 Walter Rauschenbusch e o evangelho social**

Walter Rauschenbusch (1861–1918) foi uma das figuras centrais do movimento do Evangelho Social nos Estados Unidos. Ele propôs uma releitura do cristianismo que enfatizava sua dimensão social e prática em detrimento dos dogmas tradicionais (Dorrien, 2008, p. 155). Sua teologia foi construída em resposta à crescente desigualdade, exploração do trabalho e injustiça estrutural. Em sua obra mais significativa, *A Theology for the Social Gospel* (1917), ele sustenta que o propósito do

cristianismo é promover a justiça social e transformar as estruturas injustas da sociedade, e não simplesmente garantir a salvação individual (RAUSCHENBUSCH, 1917).

Para ele a concepção tradicional da inerrância bíblica era irrelevante para o mundo moderno. O valor da Escritura estava em sua capacidade de inspirar mudanças sociais e fomentar uma ética pública cristã. Como afirma: “A Bíblia é a literatura social do povo hebreu e da Igreja primitiva; sua força reside em sua paixão pela justiça, não em seu rigor histórico” (RAUSCHENBUSCH, 1917, p. 94 - tradução minha).<sup>21</sup>

Diferentemente da teologia ortodoxa, que vê a Escritura como revelação proposicional divina, Rauschenbusch a considerava uma expressão histórica da luta dos fiéis por um mundo mais justo. Ele afirmava que a mensagem central do cristianismo é o Reino de Deus como uma ordem social justa a ser construída no presente. “O Reino de Deus é a fraternidade de homens que vivem segundo os princípios de Jesus; ele não está no céu, mas na terra transformada” (RAUSCHENBUSCH, 1907, p. 65 - tradução minha).<sup>22</sup>

Ao centrar sua teologia na ética do Reino de Deus, Rauschenbusch reinterpretou os ensinamentos de Jesus com uma visão sociopolítica. O Sermão do Monte, por exemplo, passou a ser visto como um manifesto ético de transformação da sociedade, e não apenas como um padrão de conduta pessoal. Como observa Niebuhr (1951, p. 123 - tradução minha)<sup>23</sup>, “Rauschenbusch transformou a mensagem cristã em um apelo à reforma das instituições humanas, deixando de lado os aspectos transcendentais da fé”.

Os relatos bíblicos são construções culturais carregadas de significados éticos e não como documentos infalíveis. Grenz e Olson (2006, p. 132 - tradução minha)<sup>24</sup> destacam: “para Rauschenbusch, a autoridade da Bíblia está na sua relevância moral e na sua capacidade de incitar justiça, não em sua suposta perfeição formal”.

---

<sup>21</sup> Texto original: *The Bible constitutes the social and theological witness of the Hebrew people and the early Church; its enduring authority stems from its prophetic commitment to justice rather than from strict historical accuracy.*

<sup>22</sup> Texto original: *The Kingdom of God is the fellowship of those who live according to the principles of Jesus; it is not a distant reality in heaven, but the transformation of life on earth.*

<sup>23</sup> Texto original: *Rauschenbusch reinterpreted the Christian message as a call for the reform of human institutions, setting aside the transcendent dimensions of faith.*

<sup>24</sup> Texto original: *For Rauschenbusch, the authority of the Bible lies in its moral relevance and its power to inspire justice, not in any supposed formal perfection.*

Sua teologia social também teve implicações diretas para a prática eclesial. A missão da igreja não deveria se limitar à salvação de almas, mas engajar-se ativamente na transformação das estruturas sociais. O pecado não era apenas individual, mas também coletivo e institucional (Rauschenbusch, 1917, p. 103 - tradução minha).

Assim, Rauschenbusch deslocou o eixo da fé cristã para o compromisso concreto com a justiça, solidariedade e dignidade humana. Essa ênfase prática e ética insere-se claramente no projeto teológico liberal.

### 3.2 A NEO-ORTODOXIA E A CONTESTAÇÃO DA INERRÂNCIA

A neo-ortodoxia (ou teologia dialética<sup>25</sup>) emergiu no início do século XX como uma crítica direta ao otimismo racionalista da teologia liberal e à rigidez proposicional da ortodoxia tradicional. Seu principal expoente, Karl Barth, lançou as bases desse movimento em sua obra *Der Römerbrief* (Comentário à Epístola aos Romanos), publicada em 1919, na qual rompeu com a confiança liberal na razão autônoma e reafirmou a centralidade da revelação divina como evento (BARTH, 2003, p. 10). Apesar desse retorno à revelação, a neo-ortodoxia não reabilitou a doutrina clássica da inerrância.

A proposta neo-ortodoxa reposicionou a revelação como o ato soberano de Deus que se manifesta por meio da Palavra viva (Jesus Cristo). A Escritura, nesse contexto, não é a Palavra de Deus em si, mas torna-se Palavra quando, pela ação do Espírito Santo, é usada como meio de encontro com Cristo. Essa distinção entre o texto bíblico e a revelação enquanto evento implicou uma ruptura com a doutrina da inerrância verbal e plenária. A Bíblia é um documento humano, sujeito aos erros e limitações próprios de qualquer produção histórica. Ainda que contenha a revelação, ela também reflete a cultura, o tempo e as falhas de seus autores (BARTH, 2003, p. 120). Como observa McGrath (2012, p. 114), “a teologia dialética rejeita qualquer

---

<sup>25</sup> A neo-ortodoxia é frequentemente chamada de teologia dialética devido à ênfase que seus principais representantes, como Karl Barth e Emil Brunner, colocaram na dialética como método para compreender a relação entre Deus e o ser humano, especialmente em relação à revelação divina. O termo “dialética” refere-se a um processo de oposição e reconciliação entre contradições aparentes, que é central no pensamento teológico desses teólogos (MCGRATH, 2013, p. 84).

identificação direta entre a Bíblia e a revelação, insistindo que a Escritura apenas aponta para a verdadeira revelação: Jesus Cristo”.

Emil Brunner, outro importante teólogo da neo-ortodoxia, também se opôs à noção de inerrância, negando sua infalibilidade textual. Em sua obra *The Divine-Human Encounter*, Brunner argumentou que a Palavra de Deus é, antes de tudo, encontro existencial entre Deus e o ser humano, e não uma proposição teológica imune ao erro (BRUNNER, 1943, p. 51).

Reinhold Niebuhr, influenciado pela crítica da razão ilustrada e pelo pessimismo antropológico decorrente das guerras mundiais, também rejeitou a inerrância bíblica (Olson, 2002, p. 264). Para ele, o pecado original afeta não apenas a vontade humana, mas também sua razão, o que impossibilita qualquer produção humana — incluindo a Bíblia — de ser perfeitamente isenta de falhas (NIEBUHR, 1941, p. 45).

Assim, a neo-ortodoxia se posiciona em uma tensão teológica: critica o racionalismo liberal e sua redução da fé à experiência subjetiva, mas recusa a equação entre a Bíblia e a Palavra de Deus como defendida pelo conservadorismo tradicional. Ao invés disso, propõe uma abordagem que reconhece a centralidade da Escritura como testemunho autoritativo da revelação divina, sem, contudo, atribuir-lhe perfeição absoluta.

Tal redefinição apresenta desafios significativos à doutrina da inerrância, pois substitui a objetividade textual por uma dimensão existencial e relacional da revelação.

Passemos a analisar com mais detalhes as proposições de alguns teólogos neo-ortodoxos.

### **3.2.1 Karl Barth e a Bíblia como testemunho da palavra de Deus**

Karl Barth (1886–1968), considerado o principal representante da teologia neo-ortodoxa (Olson, 2002, p. 303), desenvolveu uma compreensão singular da natureza da Escritura. Rejeitando tanto o racionalismo antropocêntrico da teologia liberal quanto o biblicismo<sup>26</sup> da ortodoxia protestante, Barth propôs que a Bíblia não é a

---

<sup>26</sup> O biblicismo é uma abordagem teológica que coloca a Bíblia como a autoridade suprema e final em todos os aspectos da fé cristã e da prática religiosa. A Bíblia é vista como uma fonte direta e infalível de verdade, sendo que todas as doutrinas, práticas e crenças devem ser fundamentadas

Palavra de Deus, mas torna-se Palavra no ato soberano em que Deus se comunica com o ser humano por meio dela. Esta distinção é fundamental em sua teologia da revelação.

Em sua obra monumental *Kirchliche Dogmatik* (Dogmática Eclesiástica), Barth afirmou categoricamente: “A Bíblia contém testemunhos humanos da revelação divina. Ela é, portanto, uma testemunha falível da Palavra infalível de Deus” (BARTH, 1956, p. 124 - tradução minha)<sup>27</sup>. Para ele, a Palavra de Deus se revela em três formas: como o Verbo eterno encarnado em Jesus Cristo, como proclamação da Igreja e como Escritura. No entanto, somente quando o Espírito Santo atua soberanamente no coração humano é que a leitura da Escritura se converte em encontro com a Palavra viva (BARTH, 1956, p. 130).

A ênfase de Barth recaiu sobre a eventualidade da revelação. A Bíblia é, para ele, um meio pelo qual Deus pode falar, mas essa fala não está garantida de modo automático nem está presa ao texto como forma. Assim, ele rejeitou a doutrina da inerrância verbal e plenária, sustentando que a Escritura, sendo produto da linguagem e cultura humanas, está sujeita a erros e limitações. Como observa McGrath (2012, p. 192), “Para Barth, o texto bíblico é essencialmente humano, marcado por contradições e ambiguidades, mas, paradoxalmente, é usado por Deus como canal de sua auto-revelação”.

Além disso, Barth se opôs à ideia de que a autoridade da Escritura possa ser derivada de sua perfeição textual. Ele argumentou que o poder da Bíblia reside na liberdade soberana de Deus para usá-la como veículo de revelação; a Escritura se torna Palavra de Deus não por causa de sua exatidão factual, mas porque Deus se digna a falar por meio dela (Barth, 1956, p. 138). Essa concepção rompeu com a tradição reformada clássica que vê na inspiração verbal e plenária a base da autoridade bíblica.

A crítica de Barth à inerrância textual também se deveu ao seu diagnóstico da condição humana pós-queda. Ele via a tentativa de controlar a revelação divina por meio de sistemas doutrinários como um eco do orgulho humano. Assim, sua proposta

---

exclusivamente nas Escrituras. Os biblicistas enfatizam que a Bíblia deve ser interpretada literalmente, a menos que haja uma razão clara para uma interpretação metafórica ou simbólica (VANHOOZER, 2010, p. 105).

<sup>27</sup> Texto original: *Die Bibel enthält menschliche Zeugnisse der göttlichen Offenbarung. Sie ist daher ein fehlbares Zeugnis des unfehlbaren Wortes Gottes.*

teológica procurou reafirmar a soberania de Deus na revelação e a centralidade de Jesus Cristo como conteúdo e critério da fé cristã. Conforme escreve Torrance:

Barth rejeitou tanto o liberalismo subjetivista quanto a objetividade inflexível da ortodoxia, propondo uma teologia centrada em Cristo e mediada pela ação livre do Espírito por meio da Escritura (TORRANCE, 1990, p. 152 - tradução minha).<sup>28</sup>

A teologia de Karl Barth reformulou radicalmente a doutrina da Escritura, recusando a noção tradicional de inerrância e propondo uma visão dinâmica da revelação. A Bíblia, é um testemunho humano que, em determinadas circunstâncias, é elevado pela graça divina a meio eficaz de encontro com o Deus vivo (Barth, 2004, p. 124).

### 3.2.2 Emil Brunner e a revelação como encontro pessoal

Emil Brunner (1889–1966) desenvolveu uma concepção de revelação fundamentada na ideia de que Deus se comunica não por meio de proposições doutrinárias inerrantes, mas através de um encontro pessoal e existencial com o ser humano (Brunner, 1946, p. 130). Sua proposta teológica rejeitou tanto a identificação direta da Bíblia com a Palavra de Deus quanto a noção de inerrância textual total. A revelação não é, em sua essência, um conjunto de informações divinamente inspiradas, mas um evento relacional, no qual Deus se dirige ao ser humano de forma existencial e pessoal. Em sua obra *Revelation and Reason* ele afirmou que “a verdadeira revelação é sempre o envolvimento de Deus com a existência humana concreta, um ‘encontro’ e não uma comunicação de verdades objetivas” (BRUNNER, 1946, p. 137 - tradução minha).<sup>29</sup> Essa visão levou-o a distinguir entre a Palavra de Deus e a letra da Escritura: a Bíblia contém a Palavra, mas não é a Palavra em sua totalidade.

Diferenciando-se de Karl Barth, Brunner enfatizou mais fortemente o papel da razão humana como ponto de contato entre Deus e o ser humano, o que o levou a

---

<sup>28</sup> Texto original: *Barth rejected both the subjectivist liberalism and the rigid objectivism of orthodoxy, proposing a Christ-centered theology mediated by the free action of the Spirit through Scripture.*

<sup>29</sup> Texto original: *True revelation is always God’s engagement with concrete human existence—an ‘encounter,’ not a communication of objective truths.*

sustentar uma forma de “correspondência existencial” na qual a revelação não destrói, mas realiza as capacidades racionais do ser humano criado à imagem de Deus (*imago Dei*). Ele disse:

A razão humana, embora corrompida pelo pecado, é ainda a *imago Dei* e, por isso, permanece aberta à verdade divina, que não destrói a razão, mas a realiza plenamente. A revelação não anula a razão humana, mas a restaura ao seu propósito original: a razão humana é a capacidade dada por Deus para responder à Sua revelação (BRUNNER, 1946, p. 59 - tradução minha).<sup>30</sup>

Como observa Grenz: “Brunner procurou um equilíbrio entre a transcendência da Palavra divina e a necessidade de compreensão racional, mantendo que a revelação é um encontro pessoal, mas inteligível” (GRENZ, 2002, p. 67).

Brunner reconhecia que os escritos bíblicos continham erros históricos, limitações culturais e formulações humanas falíveis. Em sua obra *The Divine-Human Encounter*, ele declarou que “a Bíblia deve ser lida não como um ditado divino, mas como um documento humano através do qual Deus pode ainda hoje se encontrar conosco” (BRUNNER, 1943, p. 92 - tradução minha)<sup>31</sup>. A autoridade da Bíblia não deriva da perfeição textual, mas de sua capacidade de mediar o encontro redentor com Deus por meio de Jesus Cristo. Isso implica uma rejeição da doutrina da inerrância ilimitada. Como analisa Berkouwer (1975, p. 112), “Para Brunner, a Palavra de Deus é sempre pessoal, endereçada ao indivíduo concreto; ela não pode ser reduzida a afirmações doutrinárias absolutas e infalíveis”.

Portanto, a concepção de Emil Brunner representou uma crítica contundente à compreensão tradicional da Escritura como inerrante em todos os seus detalhes. Em seu lugar, ele propôs uma teologia do encontro, na qual a Bíblia funciona como um canal contingente e histórico da autocomunicação divina. A Escritura, embora falível em termos literais e históricos, é vista como viva e eficaz na medida em que conduz o ser humano à experiência pessoal do Deus revelado em Cristo.

---

<sup>30</sup> Texto original: *Human reason, though corrupted by sin, remains the imago Dei and, as such, is still open to divine truth, which does not destroy reason but fully realizes it. Revelation does not annul human reason, but restores it to its original purpose: human reason is the capacity given by God to respond to His revelation.*

<sup>31</sup> Texto original: *The Bible should be read not as a divine dictation, but as a human document through which God can still encounter us today.*

### 3.2.3 Reinhold Niebuhr e a influência do existencialismo

Reinhold Niebuhr (1892–1971), teólogo norte-americano e uma das principais vozes da neo-ortodoxia no contexto estadunidense, destacou-se por integrar os pressupostos da teologia existencial e dialética com uma análise crítica das estruturas sociais e políticas modernas (YODER, 1994, p. 5). Sua abordagem teológica privilegiou a compreensão da condição humana como marcada por contradições morais profundas, limitando a capacidade humana de alcançar, por si só, a verdade e a justiça absolutas (BROWNING, 1996, p. 91).

Niebuhr optou por uma teologia que considera o pecado humano como uma realidade estruturante da existência histórica. Nesse contexto, a Bíblia não é vista como um conjunto de proposições inerrantes, mas como um documento que expressa, em linguagem histórica e culturalmente condicionada, verdades existenciais fundamentais. Como Niebuhr afirmou em *The Nature and Destiny of Man*, “As Escrituras revelam a verdade de Deus não em abstrações sistemáticas, mas em eventos históricos e interpretações humanas imperfeitas que apontam para a revelação divina” (NIEBUHR, 1941, v. 1, p. 118 - tradução minha)<sup>32</sup>. Ele considerou a doutrina da inerrância como uma preocupação secundária diante da tarefa maior de discernir, nas Escrituras, a mensagem ética e teológica essencial para o enfrentamento da injustiça e da ambiguidade moral na história. Para Niebuhr, “A Bíblia não é infalível em todos os seus detalhes, mas ela permanece insubstituível como testemunho da relação entre Deus e a humanidade caída” (NIEBUHR, 1951, p. 74 - tradução minha)<sup>33</sup>.

Niebuhr também foi um dos principais articuladores de uma ética cristã realista, que reconhece tanto a capacidade humana para o bem quanto sua propensão ao egoísmo e ao pecado. Ele aplicou os princípios do evangelho a questões sociais, políticas e econômicas de seu tempo, sem depender da literalidade bíblica ou de sua suposta perfeição textual. Segundo Smith:

Para Niebuhr, a autoridade da Escritura não depende de sua inerrância, mas de sua habilidade de revelar as tensões fundamentais da existência humana

---

<sup>32</sup> Texto original: *The Scriptures disclose the truth of God not through systematic abstractions, but through historical events and imperfect human interpretations that direct attention to divine revelation.*

<sup>33</sup> Texto original: *The Bible is not infallible in all its details, but it remains indispensable as a testimony to the relationship between God and fallen humanity.*

e oferecer recursos espirituais para a ação moral no mundo (SMITH, 2000, p. 157).

Ao enfatizar o caráter existencial e histórico da revelação, Niebuhr distanciou-se de qualquer leitura fundamentalista das Escrituras. Sua teologia conferiu centralidade à encarnação de Cristo como paradigma da ação de Deus na história, e não à perfeição formal dos textos bíblicos.

Niebuhr contribuiu para a crítica à inerrância bíblica ao inserir a revelação divina no contexto da experiência humana concreta, das lutas éticas reais e da historicidade do texto sagrado. Sua teologia deslocou o eixo da revelação para o encontro pessoal com o Deus revelado em Cristo, no meio da ambiguidade histórica da existência.

As contestações à inerrância bíblica ilimitada promovidas pela teologia liberal e pela neo-ortodoxia influenciaram profundamente o cristianismo moderno. Enquanto a teologia liberal enfatizou a experiência religiosa e a crítica histórica, a neo-ortodoxia buscou manter a centralidade de Cristo sem aceitar a inerrância textual. Essas abordagens abriram caminho para uma pluralidade interpretativa e uma relativização da autoridade bíblica. Ainda que tenham contribuído com importantes reflexões teológicas, essas correntes falharam em oferecer uma base sólida e confiável para a doutrina e a prática cristã.

Contudo, a ortodoxia cristã continua a defender a inerrância como um pilar essencial da fé, assegurando que a Bíblia seja a autoridade suprema em doutrina e prática cristã. Ela continua a afirmar a inerrância bíblica como condição necessária para a manutenção da autoridade plena das Escrituras, sustentando a fé cristã em meio aos desafios culturais e intelectuais contemporâneos. O Capítulo 3 dedica-se à formulação das respostas que a teologia ortodoxa oferece às objeções apresentadas acima. São apresentados argumentos teológicos e filosóficos que sustentam a possibilidade e plausibilidade da inerrância. Além disso, é discutida a relevância da inerrância bíblica para a teologia cristã na atualidade, considerando seu impacto na pregação, na formação doutrinária das igrejas e na vida cristã prática.

#### 4 A RESPOSTA DA DOCTRINA DA INERRÂNCIA ILIMITADA ÀS CONTESTAÇÕES DA TEOLOGIA LIBERAL E DA NEO-ORTODOXIA E SUA RELEVÂNCIA PARA A CONTEMPORANEIDADE

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada representa um dos pilares fundamentais da teologia evangélica ortodoxa e desempenha papel crucial na defesa da autoridade e suficiência das Escrituras. John Woodbridge, historiador da igreja e coeditor da obra *Scripture and True* afirma:

A doutrina da inerrância tem sido historicamente um componente essencial da teologia evangélica ortodoxa. Ela está intrinsecamente ligada à crença na inspiração divina da Bíblia, sua autoridade final e sua suficiência para a fé e a prática cristã (WOODBIDGE, 1982, p. 229).

Afirmar a inerrância significa sustentar que toda a Bíblia, em seus autógrafos originais, é verdadeira em tudo o que declara (GEISLER, 2002, p. 15) — seja em matéria de fé, história, ciência ou ética —, por ser divinamente inspirada e, portanto, isenta de erro. Conforme ensina Wayne Grudem, “a Bíblia sempre diz a verdade, e ela sempre a diz de modo que suas palavras são absolutamente confiáveis em todos os aspectos” (GRUDEM, 1999, p. 99). Essa visão se baseia não em pressupostos racionalistas, mas na natureza do próprio Deus, cuja perfeição impede que Ele inspire algo falso ou enganoso (cf. Nm 23.19; Tt 1.2).

Essa convicção teológica foi progressivamente reafirmada em resposta a desafios oriundos de movimentos teológicos críticos, como a teologia liberal e a neo-ortodoxia. Tais correntes, embora distintas entre si, compartilham o denominador comum de rejeitarem, de forma direta ou indireta, a ideia de que as Escrituras sejam completamente isentas de erro (GEISLER, 2002, p. 23). A teologia liberal, influenciada por pensadores como Friedrich Schleiermacher, Rudolf Bultmann e Albrecht Ritschl, deslocou o centro da fé cristã da revelação objetiva das Escrituras para a experiência subjetiva do indivíduo religioso (ERICKSON, 2015, p. 225). Tal perspectiva resultou na redução da Bíblia a um documento histórico e falível, condicionando sua interpretação às lentes da crítica histórico-literária.

A neo-ortodoxia, principalmente representada por teólogos como Karl Barth, Emil Brunner e Reinhold Niebuhr, procurou reagir aos excessos do liberalismo, mas sem retornar à doutrina clássica da inerrância (VANHOZER, 2005, p. 153). Como

visto, para Barth, a Bíblia não é em si a Palavra de Deus, mas torna-se Palavra de Deus no momento em que Ele a utiliza como instrumento de revelação no encontro existencial com o ser humano (BARTH, 1956, I/2, §4).

Neste capítulo, busca-se demonstrar que a inerrância bíblica ilimitada oferece uma resposta teologicamente robusta e bíblicamente fundamentada a essas contestações. Em contraste com a teologia liberal, ela reafirma a origem divina e a veracidade plena das Escrituras. Em oposição à neo-ortodoxia, ela sustenta que a Palavra de Deus não depende da experiência subjetiva para ser reconhecida como tal, pois a autoridade das Escrituras é objetiva, permanente e suficiente.

Além disso, este capítulo argumenta que a doutrina da inerrância não é uma construção teórica ultrapassada, mas possui profunda relevância para o contexto contemporâneo. Em um cenário cultural caracterizado pelo relativismo moral, pela desconstrução de verdades absolutas e pela erosão da autoridade bíblica nas igrejas, reafirmar a inerrância ilimitada torna-se um imperativo teológico e pastoral. Como advertiu Francis Schaeffer, “a triste história da igreja nos últimos cem anos mostra que quando se abandona a autoridade das Escrituras, não se demora a abandonar também os ensinamentos centrais da fé cristã” (SCHAEFFER, 2005, p. 43). Ao recuperar a doutrina da inerrância, recupera-se não apenas a confiança nas Escrituras, mas a integridade da fé cristã em sua totalidade.

#### 4.1 A INERRÂNCIA ILIMITADA COMO REAÇÃO ÀS INSUFICIÊNCIAS HERMENÊUTICAS DA TEOLOGIA LIBERAL

A teologia liberal, conforme exposto no capítulo anterior, emergiu sob forte influência do Iluminismo e do método crítico-histórico, promovendo uma reinterpretação da fé cristã à luz da razão autônoma e da experiência subjetiva (MCGRATH, 2013, p. 51). Isso implicou um afastamento significativo da concepção tradicional da inspiração plenária e verbal das Escrituras. No cerne dessa proposta encontra-se a tese de que a Bíblia não constitui a Palavra de Deus em sentido ontológico e absoluto, mas, antes, representa o testemunho humano das vivências religiosas do povo de Deus, sujeito, portanto, a erros, limitações culturais e condicionamentos históricos (ERICKSON, 2015, p. 226).

Friedrich Schleiermacher, frequentemente reconhecido como o “pai da teologia liberal moderna” (DORRIEN, 2001, p. 21) argumenta em sua obra *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche* (A fé cristã segundo os princípios da teologia evangélica) que a essência da religião não reside em doutrinas, ritos ou códigos morais, mas no absoluto sentimento de dependência do ser humano em relação ao infinito (SCHLEIERMACHER, 2016, p. 55). O foco da teologia da revelação objetiva é deslocado para a experiência subjetiva, promovendo uma ruptura com a concepção tradicional da Escritura como Palavra de Deus infalível e inspirada verbalmente. A Bíblia agora é compreendida como um reflexo das vivências espirituais de uma comunidade religiosa. Schleiermacher sustenta que as Escrituras devem ser interpretadas como a expressão da consciência religiosa da comunidade cristã primitiva e, portanto, sujeitas aos limites históricos e culturais de seus autores (OLSON, 1999, p. 164). Ele parte da experiência humana como *locus* da religião, o que, segundo Olson, “resulta numa concepção das Escrituras como um documento religioso valioso, mas não necessariamente infalível ou normativo em sentido absoluto” (OLSON, 1999, p. 162 - tradução minha)<sup>34</sup>.

A teologia liberal, ao buscar tornar o cristianismo mais acessível à consciência moderna, comprometeu gravemente a autoridade normativa das Escrituras (GEISLER, 2010, p. 323). Esta abordagem relativizou a origem divina da Bíblia, abrindo espaço para interpretações que subordinaram a Palavra revelada a paradigmas éticos, filosóficos e históricos em constante transformação (WARFIELD, 1948, p. 231). Essa visão relativista propõe que as Escrituras refletem mais as condições históricas e culturais dos autores do que a revelação divina imutável.

A crítica proposta por Albrecht Ritschl, radicalizou ainda mais a separação entre fé e conhecimento ao sustentar que o conteúdo da religião não reside em proposições teóricas, mas exclusivamente em valores práticos, como o ideal ético do Reino de Deus (OLSON, 1999, p. 523). Ritschl declarava que os juízos religiosos não devem ser confundidos com juízos teóricos, pois dizem respeito à valorização subjetiva do indivíduo frente à realidade (RITSCHL, 1900, p. 23). Assim, o cristianismo é reduzido a um sistema de valores morais, esvaziado de suas afirmações metafísicas e doutrinárias objetivas.

---

<sup>34</sup> Texto original: *It results in a conception of the Scriptures as a valuable religious document, but not necessarily infallible or normative in an absolute sense.*

A teologia de Rudolf Bultmann representou uma das expressões mais radicais da crítica moderna às Escrituras, especialmente quanto à sua confiabilidade histórica e ao conceito tradicional de revelação (ERICKSON, 2015, p. 237). Embora Bultmann reconhecesse a importância da mensagem cristã, ele rejeitava que essa mensagem pudesse ser veiculada de forma objetiva e infalível por meio da narrativa bíblica. Sua proposta de “desmitologização” consistia em reinterpretar os elementos sobrenaturais da Bíblia (milagres, anjos, ressurreição física, etc.) em categorias existenciais, compreensíveis à mentalidade moderna (CONGDON, 2015, p. 3-4). Para Bultmann, a Escritura é um documento humano, repleto de mitos antigos que exprimem verdades existenciais, mas não pode ser lida como relato histórico ou proposicionalmente verdadeiro. Ele declara: Ninguém que usa a luz elétrica e recorre à medicina moderna pode, com seriedade, crer no mundo dos espíritos e milagres do Novo Testamento” (BULTMANN, 1961, p. 5).

Norman Geisler refuta a ideia de que o conteúdo factual da Bíblia seja indiferente à fé: “A verdade do cristianismo está enraizada em fatos históricos, como a criação, o êxodo, a encarnação e a ressurreição. Negar sua historicidade é esvaziar o cristianismo de sua substância” (GEISLER, 2002, p. 248 - tradução minha).<sup>35</sup>

Além disso, a tentativa de preservar a fé cristã ao custo da verdade objetiva das Escrituras acaba por desintegrar o cristianismo bíblico, tornando-o refém da subjetividade existencial (HENRY, 1983, vol. 1, p. 226). Grudem observa que a revelação proposicional não pode ser separada da experiência de fé, pois é por meio da Palavra verdadeira que a fé se forma (GRUDEM, 1999, p. 93).

A teologia de Walter Rauschenbusch exerceu influência decisiva na formulação do chamado Evangelho Social, movimento que buscou reinterpretar a missão cristã à luz das demandas ético-sociais emergentes no contexto industrial e urbano dos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX (DORRIEN, 2001, p. 96). A proposta de Rauschenbusch implicou um significativo deslocamento do núcleo teológico cristão — da revelação objetiva nas Escrituras para a transformação ética da sociedade como critério de verdade (DORRIEN, 2001, p. 96).

Rauschenbusch sustenta que a tarefa da teologia é reinterpretar as doutrinas cristãs à luz das necessidades sociais do presente. Ele afirma: “A Bíblia deve ser lida à luz das novas exigências morais e sociais. O verdadeiro evangelho é o que

---

<sup>35</sup> Texto original: *The truth of Christianity is rooted in historical facts, such as creation, the exodus, the incarnation, and the resurrection. To deny their historicity is to empty Christianity of its very substance.*

transforma a sociedade conforme os ideais do Reino de Deus” (Rauschenbusch, 1917, p. 179 - tradução minha)<sup>36</sup>. Essa abordagem conduz à relativização da autoridade das Escrituras, pois subordina seu conteúdo à análise sociológica e à aplicação moral. A verdade bíblica passa a ser avaliada por sua utilidade ética na promoção da justiça social. A doutrina da inerrância bíblica ilimitada não nega a importância da dimensão ética da fé cristã, mas recusa qualquer tentativa de tornar a experiência histórica ou social o critério hermenêutico último da verdade revelada (FRAME, 2010, p. 481).

A proposta de Rauschenbusch, ao reinterpretar o evangelho como um chamado quase exclusivamente ético, acaba por negligenciar a natureza sobrenatural da revelação e da salvação e esvazia os fundamentos doutrinários da fé cristã (HENRY, 1983, vol. 1, p. 205).

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada responde a esse reducionismo afirmando que a autoridade das Escrituras não depende de sua adequação às causas sociais, mas da própria natureza de Deus como fonte da verdade. Ela reafirma que a Bíblia, como Palavra inspirada, é o critério supremo para toda doutrina, prática e ética — inclusive no campo da justiça social. A transformação da sociedade é legítima e desejável, mas deve ser resultado da fidelidade à revelação, não de sua adaptação aos ventos culturais ou ideológicos (MOHLER, 2013, p. 79).

A inerrância bíblica ilimitada (segundo os defensores dessa doutrina), implica que as Escrituras, em sua totalidade, são livres de erros, tanto em termos teológicos quanto históricos, científicos e literários. Grudem afirma:

A inerrância bíblica significa que as Escrituras, no seu todo, são livres de erro, não apenas em questões teológicas, mas também em suas afirmações sobre história, ciência, e até em seus detalhes literários. A Escritura, sendo a Palavra de Deus, deve ser infalível e sem falhas em tudo o que ela afirma (GRUDEM, 1999, p. 91).

A fundamentação para tal posição se encontra na compreensão de que, se a Bíblia é a Palavra de Deus, ela deve refletir a mesma perfeição que caracteriza a natureza de Deus. Como afirmou B. B. Warfield, um dos mais influentes teólogos da tradição reformada, “a Escritura é infalível, pois é a Palavra de Deus, e Deus é incapaz de errar” (WARFIELD, 1948, p. 228 - tradução minha).<sup>37</sup> Essa visão sustenta que a

---

<sup>36</sup> Texto original: *The Bible must be read in light of new moral and social demands. The true gospel is the one that transforms society according to the ideals of the Kingdom of God.*

<sup>37</sup> Texto original: *Scripture is infallible because it is the Word of God, and God is incapable of error.*

infallibilidade das Escrituras não se limita apenas ao que diz respeito à fé, mas se estende a todas as áreas em que a Bíblia se pronuncia, inclusive à história e à ciência, de modo que qualquer afirmação nas Escrituras deve ser considerada verdadeira e precisa (GRUDEM, 2019, p. 63).

Além disso, a inerrância bíblica é também defendida a partir do ensino de Jesus que, em diversas passagens, atribui à Escritura a autoridade divina e a infalibilidade. Sproul afirma:

Jesus não apenas acreditava na autoridade das Escrituras, mas também ensinava sua infalibilidade. Em suas discussões com os fariseus e saduceus, Ele baseava Seus argumentos na precisão verbal das Escrituras. Isso mostra que Cristo reconhecia a Escritura como absolutamente confiável, em cada palavra (SPROUL, 2005, p. 43).

Em Mateus 5.18, por exemplo, Cristo afirma: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (ARA, 1993). Este versículo é frequentemente citado por teólogos que defendem a inerrância ilimitada, pois nele Jesus reafirma a eternidade e a imutabilidade das Escrituras, argumentando que a Palavra de Deus permanece válida e infalível, independentemente das mudanças nas circunstâncias históricas ou culturais.

Além de Warfield e Geisler, outros teólogos importantes, como John Frame e Wayne Grudem, também oferecem robustos argumentos em favor da inerrância bíblica. Frame (2010, p. 169) destaca que a Bíblia, sendo a Palavra de Deus, possui autoridade e veracidade absolutas, o que implica em sua infalibilidade. Ele argumenta que a doutrina da inerrância não se refere apenas à ausência de erro em sentido literal, mas envolve uma consistência interna das Escrituras, onde a verdade divina é coerente e sem contradições em toda a sua extensão.

Além disso, a proposta da inerrância não se fundamenta apenas na lógica sistemática da inspiração, mas também em sua função eclesiológica. Segundo Schaeffer, a negação da inerrância compromete inevitavelmente toda a estrutura da fé cristã. Ele afirma: “a triste história da igreja nos últimos cem anos mostra que, quando se abandona a autoridade das Escrituras, não se demora a abandonar também os ensinamentos centrais da fé cristã” (SCHAEFFER, 2005, p. 42). A Escritura, em sua forma inspirada e inerrante, é o alicerce sobre o qual se constrói todo o edifício doutrinário do cristianismo bíblico.

Contra à fragmentação do conteúdo teológico, a inerrância ilimitada propõe uma hermenêutica que reconhece a totalidade das Escrituras como revelação divina fidedigna e normativa. Wayne Grudem defende que “todas as palavras da Escritura são palavras de Deus. Ser plenamente inspirado implica ser plenamente verdadeiro e, por consequência, totalmente autoritativo” (GRUDEM, 1999, p. 73). Isso significa que, ainda que a Escritura tenha sido mediada por autores humanos situados em contextos históricos particulares, seu conteúdo não está sujeito a erro, pois provém de um Deus que não mente (Tt 1.2) e cuja palavra é “verdade” (Jo 17.17).

A inerrância bíblica ilimitada se constitui não apenas como um dogma defensivo, mas como uma construção teológica propositiva e necessária diante dos desvios epistemológicos da teologia liberal. A Declaração de Chicago Sobre a Inerrância Bíblica, em seu art. XII afirma:

Negamos que a infalibilidade e a inerrância da Bíblia estejam limitadas a assuntos espirituais, religiosos ou redentores, não abarcando informações de natureza histórica e científica. Negamos ainda mais que hipóteses científicas acerca da história da Terra possam ser corretamente empregadas para desmentir o ensino das Escrituras a respeito da Criação e do Dilúvio (ICBI, 1978, Art. XII).

A afirmação da inerrância restabelece a centralidade da revelação objetiva na fé cristã, protege a doutrina contra relativismos subjetivistas e assegura à igreja um fundamento seguro para o ensino, a pregação e a vida comunitária.

Em suma, a doutrina da inerrância bíblica ilimitada se coloca como uma resposta vigorosa à relativização das Escrituras proposta pela teologia liberal. A partir de uma compreensão teológica que vincula a perfeição e a infalibilidade de Deus à natureza da Bíblia, teólogos como Geisler, Warfield, Frame e Lindsell defendem que a Escritura é um testemunho infalível e irrefutável da verdade divina. A inerrância, portanto, não é apenas um aspecto teológico, mas uma garantia da autoridade e da consistência das Escrituras, essenciais para a fé e a prática cristã.

## 4.2 A INERRÂNCIA ILIMITADA E O CONFRONTO COM A DIALÉTICA DA NEO-ORTODOXIA

A neo-ortodoxia, representada por teólogos como Karl Barth, Emil Brunner e Reinhold Niebuhr, surgiu como reação às premissas racionalistas e antropocêntricas da teologia liberal, reafirmando, ao menos em parte, a centralidade da revelação divina e a transcendência de Deus. McGrath (2005, p. 252) afirma:

A teologia neo-ortodoxa — ou ‘teologia da crise’, como também era conhecida — surgiu na década de 1920 como uma resposta ao fracasso da teologia liberal, particularmente no contexto da Primeira Guerra Mundial. Teólogos como Karl Barth, Emil Brunner e Reinhold Niebuhr procuraram restaurar a ênfase na revelação de Deus e na sua soberania transcendente, em contraste com a abordagem antropocêntrica do liberalismo teológico.

Porém, a neo-ortodoxia não recuperou a doutrina clássica da inerrância bíblica. Pelo contrário, sua concepção de Escritura introduz novos desafios à autoridade objetiva do texto sagrado (DOCKERY, 2001, p. 47).

Karl Barth, o principal expoente da corrente, elaborou uma teologia da Palavra de Deus fundamentada na tríplice forma da revelação: a Palavra viva (Jesus Cristo), a Palavra proclamada (pregação) e a Palavra escrita, as Escrituras (VANHOOZER, 2005, p. 153). Para ele, a Bíblia não é ontologicamente a Palavra de Deus, mas torna-se Palavra de Deus quando, por meio da ação soberana do Espírito Santo, o texto se torna veículo do encontro existencial entre Deus e o ser humano (BARTH, 1956, pp. 507,508).

Erickson diz que tal concepção, embora reconheça a importância da Escritura no processo revelacional, enfraquece sua objetividade e estabilidade normativa. A verdade do texto bíblico não é garantida pelo conteúdo inspirado em si, mas por um ato divino momentâneo, que o torna Palavra de Deus. Erickson (2015, p. 236) argumenta que: “A consequência lógica da visão barthiana é que a autoridade da Bíblia se torna dependente da experiência do leitor, o que relativiza seu conteúdo e impede uma base segura para a doutrina e a vida cristã”.

Em contraposição a essa abordagem, a doutrina da inerrância bíblica ilimitada sustenta que a revelação de Deus foi objetivamente registrada nas Escrituras, de maneira verbal e plenária. Sproul (2005, p. 53) afirma:

A inspiração das Escrituras foi verbal e plenária. Isso significa que a inspiração se estende a todas as palavras do texto sagrado (verbal) e a todo o texto como um todo (plenária). Assim, toda a Bíblia é a Palavra de Deus e, por isso, absolutamente verdadeira.

Geisler (2002, p. 268) diz que, se a Bíblia contém erros, não pode ser plenamente confiável como Palavra de Deus. E se não for confiável em tudo, não é confiável em nada. A autoridade da Escritura decorre diretamente de sua inspiração divina. Como Jesus declarou: “A tua palavra é a verdade” (Jo 17.17 - ARA, 1993), atestando a veracidade intrínseca da revelação escrita.

A ênfase barthiana na centralidade de Cristo como a verdadeira Palavra de Deus levou a uma separação funcional entre o Cristo das Escrituras e o Cristo da fé (BLOESCH, 1994, p. 102). Isso pode resultar na desvalorização do conteúdo narrativo e doutrinário do texto bíblico, subordinando-o à experiência cristológica subjetiva. A inerrância bíblica ilimitada rejeita essa dicotomia, ao afirmar que o testemunho das Escrituras é fiel, suficiente e inseparável da revelação do próprio Cristo, a Palavra encarnada. Como destaca Wayne Grudem, “não podemos conhecer Jesus Cristo de maneira fiel e adequada senão pelas Escrituras, que são a própria Palavra de Deus escrita, inspirada e verdadeira” (GRUDEM, 1999, p. 100).

A teologia de Emil Brunner, embora represente uma tentativa séria de restaurar a centralidade da revelação em face do liberalismo teológico, incorre em limitações significativas ao tratar a Escritura como um meio falível que aponta para a revelação pessoal de Deus em Cristo (HENRY, 1983, p. 120). Para Brunner, a Palavra de Deus é uma realidade existencial, não uma comunicação verbal objetiva. Ele sustenta que a Bíblia contém a Palavra de Deus, mas não o é em sua totalidade. Packer afirma a esse respeito:

Para Brunner, a revelação é primordialmente encontro, não comunicação; a Palavra de Deus é uma realidade existencial, não uma série de proposições divinas. Ele sustenta que a Bíblia contém a Palavra de Deus, mas não a identifica plenamente com ela, o que permite margem para erros históricos e conceituais no texto bíblico (PACKER, 1958, p. 95 - tradução minha)<sup>38</sup>.

Assim, a revelação não se dá principalmente por meio de proposições verdadeiras, mas através do encontro pessoal entre Deus e o ser humano,

---

<sup>38</sup> Texto original: *For Brunner, revelation is primarily an encounter, not communication; the Word of God is an existential reality, not a series of divine propositions. He maintains that the Bible contains the Word of God but does not fully identify it with the biblical text, which allows for the possibility of historical and conceptual errors within Scripture.*

possibilitado pelo Espírito Santo. Brunner afirma: “A Bíblia é a palavra de testemunho da revelação, e não a revelação em si” (BRUNNER, 1946, p. 121 - tradução minha)<sup>39</sup>. Ao negar a identidade plena entre a Escritura e a Palavra de Deus, Brunner relativiza a autoridade objetiva do texto sagrado e abre espaço para um critério subjetivo de discernimento do que, na Bíblia, pode ou não ser considerado revelação.

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada, por sua vez, afirma que a revelação divina está plenamente contida nas Escrituras, as quais foram inspiradas verbalmente por Deus e, portanto, são totalmente verdadeiras e isentas de erro em tudo o que afirmam — seja em matéria de fé, história, moral ou qualquer outro campo (GRUDEM, 1999, p. 93). A Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica declara:

Afirmamos que a totalidade das Escrituras e todas as suas partes, chegando às próprias palavras do original, foram concedidas por inspiração divina. Negamos que se possa corretamente falar de inspiração da totalidade das Escrituras, mas não das partes, ou de algumas partes, mas não do todo. (ICBI, 1978, art. VI).

Geisler argumenta que a negação da inerrância, como feita por Brunner, equivale a colocar o ser humano como juiz da revelação divina: “Se admitirmos que a Bíblia contém erros, então o leitor — e não Deus — se torna o árbitro do que é verdadeiro. Isso destrói a autoridade da Escritura” (GEISLER, 2002, p. 274 - tradução minha).<sup>40</sup> Brunner ignora o fato de que Deus escolheu se revelar por meio de palavras e que, nas Escrituras, há declarações objetivas da vontade, do caráter e da obra de Deus. Grudem observa que a revelação pessoal e a proposicional não são mutuamente excludentes, mas complementares: “Cristo é, de fato, a revelação suprema de Deus, mas nós só o conhecemos verdadeiramente por meio das proposições inspiradas e inerrantes que a Bíblia nos oferece” (GRUDEM, 1999, p. 42).

A inerrância ilimitada, não apenas assegura a integridade do testemunho bíblico sobre Cristo, mas também preserva a fé cristã de um subjetivismo que ameaça dissolver a doutrina em experiência pessoal.

A teologia de Reinhold Niebuhr, marcada por um profundo realismo cristão (FOX, 1985, p. 6), contribuiu significativamente para o pensamento ético e político do século XX, especialmente ao oferecer uma crítica contundente ao otimismo antropológico do liberalismo (TILLICH, 1948, p. 190). Porém, Niebuhr não reafirmou a

---

<sup>39</sup> Texto original: *The Bible is the word of testimony to the revelation, not the revelation itself.*

<sup>40</sup> Texto original: *If we admit that the Bible contains errors, then the reader — not God — becomes the arbiter of what is true. This undermines the authority of Scripture.*

autoridade plena das Escrituras como fundamento normativo da fé e da ética cristã: sua abordagem histórico-crítica e existencial da Bíblia o levou a relativizar a doutrina da inerrância, tratando os textos bíblicos como expressões imperfeitas de uma verdade moral superior, sujeitas a erros históricos e condicionamentos culturais (HENRY, 1983, vol. 2, p. 240).

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada responde a essa concepção reafirmando que a revelação de Deus foi registrada objetivamente nas Escrituras, de maneira verbal e plenária, e que os autógrafos originais da Bíblia são totalmente isentos de erro em tudo o que afirmam, seja em matéria de fé, história, ciência ou moral (MACARTHUR; MAYHUE, 2017, p. 109). Essa doutrina sustenta que, embora os autores bíblicos tenham sido instrumentos humanos situados em contextos específicos, foram guiados pelo Espírito Santo de tal forma que o produto final de sua escrita corresponde plenamente à vontade e à verdade de Deus. Geisler refuta abordagens que relativizam a autoridade bíblica sob o argumento da limitação humana:

Deus é capaz de comunicar sua verdade por meio de seres humanos sem erro. Se Ele é soberano e verdadeiro, e se a Escritura é inspirada por Ele, então não pode conter erro. Admitir o contrário é comprometer a integridade da revelação (GEISLER, 2002, p. 269 - tradução minha)<sup>41</sup>.

Além disso, ao reduzir a autoridade da Bíblia a um valor ético ou existencial, como faz Niebuhr, corre-se o risco de deslocar o critério último da verdade das Escrituras para o juízo subjetivo do intérprete. R. C. Sproul adverte que: “Se a Bíblia contém erros, então o ser humano se torna o juiz da Palavra de Deus, decidindo o que aceitar ou rejeitar. Isso mina radicalmente a autoridade e suficiência das Escrituras” (SPROUL, 2005, p. 54 - tradução minha).<sup>42</sup>

A inerrância ilimitada, portanto, representa uma salvaguarda contra a erosão progressiva da normatividade bíblica. Ela afirma que a Bíblia, por ser a Palavra inspirada de Deus, possui autoridade última e confiável sobre todos os aspectos da existência humana, inclusive os campos ético, teológico, histórico e cultural. Ao contrário da posição de Niebuhr, a doutrina da inerrância não subordina a veracidade

---

<sup>41</sup> Texto original: *God is able to communicate His truth through human beings without error. If He is sovereign and true, and if Scripture is inspired by Him, then it cannot contain error. To admit otherwise is to compromise the integrity of revelation.*

<sup>42</sup> Texto original: *If the Bible contains errors, then human beings become the judges of God's Word, deciding what to accept or reject. This radically undermines the authority and sufficiency of Scripture.*

da Escritura à consciência moral, mas reconhece a Escritura como critério supremo que julga toda experiência e interpretação humanas (VANHOZER, 2005, p. 132).

#### 4.3 A RELEVÂNCIA ATUAL DA INERRÂNCIA ILIMITADA: VERDADE, AUTORIDADE E CONFIANÇA

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada não é apenas uma questão teórica, restrita ao campo da teologia ou da exegese bíblica, mas uma afirmação vital para a fé cristã em seu todo, sobretudo no contexto contemporâneo, marcado por profundas transformações culturais, epistemológicas e religiosas (DEYOUNG, 2014, p. 72). Em meio ao relativismo moral, ao subjetivismo hermenêutico e à crescente secularização, a inerrância ilimitada afirma, de forma contra-cultural, que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, verdadeira e isenta de erro em todas as suas declarações — doutrinárias, históricas, éticas ou factuais (GEISLER, 2002, p. 22).

A atualidade dessa doutrina se revela, primeiramente, diante da erosão da autoridade bíblica, inclusive nos meios eclesiásticos. Na obra *Scripture Alone (Sola Scriptura: The Evangelical Doctrine)*, Sproul afirma: “Quando a inerrância das Escrituras é negada ou minimizada, a autoridade da Bíblia começa a se dissolver — não apenas na cultura, mas dentro da própria igreja” (SPROUL, 2005, p. 55 - tradução minha).<sup>43</sup>

Em muitas igrejas e seminários, a Escritura é vista como um recurso religioso edificante, mas não como revelação normativa e inquestionável. Essa mudança de postura tem sido amplamente diagnosticada por teólogos como David Wells, que afirma: “A perda da inerrância leva inevitavelmente à perda da autoridade. Onde a Bíblia é vista como falível, torna-se apenas uma voz entre outras. O resultado é um cristianismo moldado mais pela cultura do que pela revelação” (WELLS, 1994, p. 105 - tradução minha).<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Texto original: *When the inerrancy of Scripture is denied or minimized, the authority of the Bible begins to dissolve — not only in the culture, but within the church itself.*

<sup>44</sup> Texto original: *The loss of inerrancy inevitably leads to the loss of authority. Where the Bible is seen as fallible, it becomes just one voice among others. The result is a form of Christianity shaped more by culture than by revelation.*

A inerrância bíblica ilimitada, nesse contexto, funciona como um princípio apologético e pastoral, pois garante e insiste que a voz das Escrituras não está sujeita às flutuações do pensamento humano, mas repousa na natureza imutável e veraz de Deus (Nm 23.19; Hb 6.18). Conforme observa Grudem, “a autoridade da Escritura está diretamente ligada à confiança que temos de que ela é verdadeira em tudo o que afirma” (GRUDEM, 1999, p. 99). Em outras palavras, se a Escritura falha em qualquer ponto, sua autoridade total é comprometida.

Além disso, a doutrina da inerrância é essencial para a vida e a missão da Igreja. A pregação, a formação doutrinária e a disciplina eclesiástica dependem de um fundamento textual confiável (MACARTHUR, 2016, p. 16). Um púlpito que se apoia na plena veracidade das Escrituras proclama com ousadia; por outro lado, onde há dúvidas quanto à inerrância, a pregação se torna hesitante e a ética cristã tende ao pragmatismo ou ao relativismo. Francis Schaeffer, já no século XX, alertava para essa realidade ao afirmar: “Quando se abandona a plena autoridade da Bíblia, cedo ou tarde se perde também o conteúdo essencial do Cristianismo. É uma questão de tempo até que a fé seja absorvida por valores culturais em constante mutação” (SCHAEFFER, 2005, p. 43).

Essa deterioração não é apenas teórica, mas historicamente observável. O declínio espiritual de diversas denominações protestantes liberais, especialmente na Europa e na América do Norte, coincide com o abandono da doutrina da inerrância no final do século XIX e início do XX. Sem um fundamento textual inerrante, a fé torna-se fluida, adaptável e eventualmente irreconhecível em relação ao Cristianismo histórico (WELLS, 1994, p. 105).

No plano epistemológico, a inerrância oferece uma resposta sólida ao ceticismo pós-moderno, que frequentemente afirma que a verdade é construída socialmente e que não há acesso objetivo a proposições absolutas (FRAME, 2010, p. 479). Ao afirmar que a Escritura é verdadeira porque procede de um Deus que é verdade em si mesmo (Jo 17.17; Sl 119.160), a doutrina da inerrância estabelece um fundamento cognitivo e teológico confiável, a partir do qual é possível crer, pensar, ensinar e viver com convicção. Como observa Frame: “Sem a certeza de que a Palavra de Deus é completamente verdadeira, não temos base sólida para nenhuma doutrina. A

inerrância é o fundamento epistemológico do Cristianismo bíblico” (FRAME, 2010, p. 479 - tradução minha)<sup>45</sup>.

Essa perspectiva também tem implicações éticas e culturais. Em uma era marcada por crises de identidade, disfunções morais e volatilidade ideológica, a inerrância bíblica ilimitada fornece à igreja um norte hermenêutico e normativo fixo (MOHLER, 2013, p. 86). Como a Escritura é verdadeira em tudo o que afirma, ela oferece estabilidade doutrinária, clareza moral e autoridade espiritual. A missão da Igreja no mundo, portanto, não é adaptá-la à cultura, mas conformar a cultura à verdade revelada. Mohler argumenta nesse sentido:

A fidelidade ao evangelho exige fidelidade à Palavra. A Igreja não tem outra mensagem, outro fundamento, ou outra autoridade senão aquela que Deus mesmo nos deu nas Sagradas Escrituras, inspiradas e inerrantes (MOHLER, 2013, p. 81 - tradução minha).<sup>46</sup>

Finalmente, a inerrância bíblica ilimitada está enraizada na doutrina de Deus. Norman Geisler sintetiza bem essa relação quando afirma: “Não se pode construir uma teologia sólida sobre uma base falível. Se Deus é perfeito, Sua Palavra também o é. A Escritura, sendo inspirada por Deus, é tão verdadeira quanto o próprio Deus” (GEISLER, 2010, v. 1, p. 273).

Por tudo isso, vê-se que a inerrância ilimitada não é uma doutrina periférica ou antiquada, mas um princípio teológico essencial para a integridade, autoridade e missão da Igreja. Em tempos de instabilidade cultural e fragmentação eclesial, ela continua sendo a rocha sobre a qual se edifica uma fé bíblica, robusta e coerente com a revelação divina.

---

<sup>45</sup> Texto original: *Without the certainty that the Word of God is completely true, we have no solid foundation for any doctrine. Inerrancy is the epistemological foundation of biblical Christianity.*

<sup>46</sup> Texto original: *Faithfulness to the gospel demands faithfulness to the Word. The Church has no other message, no other foundation, or other authority than that which God Himself has given us in the Holy Scriptures, inspired and inerrant.*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina da inerrância bíblica ilimitada, que constituiu o eixo temático desta pesquisa, apresentou-se não apenas como uma formulação teológica sistematizada ao longo da história da igreja, mas também como um alicerce essencial para a manutenção da fé cristã ortodoxa em sua integridade doutrinária. Longe de ser uma inovação recente ou uma especulação teórica desprovida de base, a inerrância ilimitada das Escrituras revela-se como uma decorrência lógica da natureza de Deus e, por conseguinte, da própria revelação divina registrada na Bíblia.

O percurso investigativo empreendido partiu da exposição dos fundamentos bíblicos e teológicos da doutrina, mostrando como a Escritura reivindica para si autoridade e veracidade absolutas, decorrentes de sua inspiração divina. Em seguida, foram examinadas as principais objeções dirigidas à inerrância pela teologia liberal e pela neo-ortodoxia, cujas propostas interpretativas, influenciadas por pressupostos filosóficos modernos e pós-iluministas, resultam em uma concepção relativizada da Bíblia como testemunho humano imperfeito da revelação divina. Tais correntes deslocam o foco da revelação objetiva, expressa nas Escrituras, para uma experiência subjetiva e existencial, promovendo, assim, uma reinterpretação da autoridade da Bíblia.

Ao final da análise, a pesquisa concentrou-se na formulação de respostas que demonstram não apenas a coerência interna da doutrina da inerrância ilimitada, mas também sua plausibilidade diante das críticas levantadas. Mais do que uma postura dogmática inflexível, a defesa da inerrância revelou-se como uma exigência decorrente da fé em um Deus que não pode errar ou mentir e que, portanto, não poderia inspirar uma revelação passível de falhas. Nesse sentido, a inerrância bíblica ilimitada se apresenta como um elemento teológico indispensável para garantir a confiabilidade das Escrituras e, por extensão, a solidez da fé cristã em sua totalidade.

Conforme evidenciado no Capítulo 1, a doutrina da inerrância bíblica ilimitada não se apresenta meramente como uma conclusão derivada de princípios teológicos abstratos e nem como uma inferência lógica isolada a partir da crença na inspiração divina das Escrituras. Ela emerge do próprio testemunho que a Escritura oferece acerca de si mesma, bem como da compreensão teológica do caráter de Deus, da estrutura interna da Bíblia e do consenso histórico consolidado no seio da tradição

cristã. A origem transcendente da Escritura implica, por necessidade lógica e teológica, que o conteúdo por ela transmitido deve refletir a perfeição, a veracidade e a santidade do seu Autor. Sendo Deus infalível, justo e verdadeiro, não é concebível que sua Palavra escrita incorpore erros, contradições ou imprecisões.

Além disso, a Escritura não apenas se reivindica como proveniente de Deus, mas também se apresenta como autoridade final e absoluta para todas as questões de fé, conduta e doutrina. Textos como João 10.35 — onde Jesus afirma categoricamente que “a Escritura não pode falhar” — e Mateus 5.18 — onde declara que nem um “i” ou um “til” da Lei passará sem que tudo se cumpra — demonstram que o próprio Cristo endossava uma visão elevada e inerrante das Escrituras. Tal visão é compartilhada pelos apóstolos e por toda a tradição eclesiástica ortodoxa.

Essa convicção atravessa a história da igreja. Ao longo de toda a história do Cristianismo vê-se uma continuidade doutrinária na afirmação de que a Escritura é isenta de erro em tudo o que ensina. Para a fé cristã dita ortodoxa, admitir erros na revelação escrita seria o mesmo que lançar dúvidas sobre a integridade e fidelidade de Deus, o que é teologicamente inadmissível.

O Capítulo 2 foi dedicado à exposição das principais objeções levantadas pela teologia liberal e pela neo-ortodoxia contra a doutrina da inerrância bíblica ilimitada. Autores como Schleiermacher, Ritschl, Rudolf Bultmann, bem como Barth, Emil Brunner e Rauschenbusch, representam um conjunto de esforços sistemáticos para reinterpretar a fé cristã em termos compatíveis com os paradigmas filosóficos modernos e com a crítica histórica das Escrituras. O denominador comum entre esses pensadores é a ruptura com a concepção tradicional de revelação objetiva e proposicional. Esses teólogos deslocam o centro da fé para a experiência subjetiva do crente ou da comunidade de fé. A revelação passa a ser entendida como um encontro existencial com o divino, mediado por categorias históricas e culturais mutáveis.

Essa mudança de paradigma resulta na relativização da autoridade bíblica. A Bíblia passa a ser vista como um testemunho humano acerca da experiência religiosa com Deus e não como a revelação normativa e infalível de Sua vontade. Conseqüentemente, a possibilidade de erro nos relatos bíblicos é assumida como uma característica natural. O conceito de inerrância, portanto, é descartado como incompatível com a crítica moderna e com uma epistemologia baseada na autonomia da razão e da consciência individual.

Tais abordagens acabam por comprometer aspectos centrais da doutrina cristã. Ao redefinir a natureza da revelação e ao despojar a Bíblia de sua autoridade normativa, essas correntes fragilizam os fundamentos teológicos da fé, abrindo espaço para uma hermenêutica subjetivista e para uma teologia moldada mais pelas exigências culturais do que pela Palavra revelada de Deus.

O Capítulo 3 foi dedicado à formulação de respostas sistemáticas às objeções anteriormente discutidas, com base na tradição teológica ortodoxa. Partindo da convicção de que a inerrância das Escrituras é uma consequência direta da natureza do próprio Deus, a argumentação apresentada reafirma que a veracidade, a santidade e a imutabilidade divinas necessariamente se refletem na revelação escrita que Ele comunicou à humanidade. Sendo a Escritura inspirada por Deus, ela participa do caráter daquele que a revelou, de modo que não pode conter erro em nenhuma de suas afirmações, seja de ordem teológica, moral, histórica ou factual.

Negar a inerrância bíblica introduz a possibilidade de erro no âmago da revelação, desestabilizando a confiança na Escritura como fonte normativa de fé e prática. Ao admitir falibilidade na Bíblia, abre-se espaço para uma abordagem interpretativa subjetiva e seletiva, onde a autoridade final recai não mais sobre o texto sagrado, mas sobre o julgamento humano — com consequências diretas para a integridade doutrinária, a unidade e a identidade teológica da fé cristã.

A crítica moderna à inerrância não tem conseguido propor um modelo alternativo que preserve, de modo satisfatório, a autoridade, clareza, suficiência e necessidade das Escrituras. Toda tentativa de substituir a doutrina da inerrância por categorias mais flexíveis — como a “inspiração parcial” ou a ideia de que a Bíblia “contém” a Palavra de Deus — falha em oferecer uma base segura e objetiva para a fé cristã, resultando em uma Escritura vulnerável a revisões ideológicas e adaptações culturais.

No que tange à relevância da inerrância bíblica na atualidade, essa doutrina permanece essencial em um cenário marcado pelo relativismo, pelo secularismo e pelas pressões culturais sobre a fé cristã. Reafirmar a inerrância bíblica é um ato teológico e pastoral de resistência, que visa preservar a integridade da revelação, a confiança na Escritura e a fidelidade doutrinária da igreja. Sem a inerrância, toda a estrutura da fé cristã fica comprometida. Negar a inerrância é lançar dúvida sobre a totalidade da fé cristã.

Portanto, a hipótese desta pesquisa se confirma: a doutrina da inerrância bíblica ilimitada pode ser sustentada racional e teologicamente, e sua defesa é urgente e necessária para a preservação da fé cristã autêntica. Essa doutrina não é um anacronismo teológico, mas uma verdade vital que resiste ao tempo, aos modismos hermenêuticos e às tendências relativistas. A igreja cristã, se deseja permanecer fiel ao seu Senhor e à sua missão, deve manter firme sua confissão na autoridade, inspiração e inerrância das Sagradas Escrituras, conforme expresso nas palavras do salmista: “A suma da tua palavra é a verdade, e cada uma das tuas justas ordenanças dura para sempre” (Sl 119.160).

Embora esta pesquisa tenha se dedicado à defesa da inerrância bíblica ilimitada em resposta às objeções da teologia liberal e da neo-ortodoxia, muitos outros caminhos investigativos podem ser explorados a partir dela. Uma possibilidade seria o aprofundamento da relação entre inerrância e exegese bíblica, especialmente em relação à interpretação de passagens consideradas problemáticas do ponto de vista histórico ou científico. Outro campo promissor seria o estudo da inerrância nas tradições reformadas contemporâneas, analisando como diferentes confissões cristãs aplicam essa doutrina em seus documentos oficiais e práticas ministeriais.

Além disso, investigações sobre o impacto pastoral da doutrina da inerrância na formação espiritual de comunidades cristãs, bem como o modo como essa crença molda a pregação, o discipulado e a cosmovisão dos crentes podem oferecer contribuições valiosas. Ainda seria relevante analisar comparativamente como diferentes tradições cristãs, inclusive aquelas de matriz católica ou ortodoxa oriental, se posicionam em relação à inerrância das Escrituras, permitindo um diálogo ecumênico mais profundo sobre a autoridade da Palavra de Deus.

Essas possíveis extensões demonstram que a presente pesquisa não é exaustiva (não se encerra em si mesma), mas oferece uma base sólida para investigações subsequentes que poderão enriquecer ainda mais o debate teológico contemporâneo sobre a confiabilidade das Escrituras.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Carta a Jerônimo 82*. 405 d.C. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/1102082.htm>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- \_\_\_\_\_. *De doctrina Christiana*. Tradução: latina. Roma: Biblioteca Patrum, 1892.
- AQUINAS, Saint Thoms. *The summa Theologica*. Complete American Edition. Tradução: Fathers of the English Dominican Province. [S.l.]: [s.n.], 2010.
- BARTH, Karl. *Church dogmatics I/2: the doctrine of the word of God*. Edinburgh: T&T Clark, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Comentário à Epístola aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Kirchliche dogmatik*. Aufl. Zürich: Evangelischer Verlag Zollikon, 1956.
- BEBBINGTON, David W. *Evangelicalism in modern Britain: a history from the 1730s to the 1980s*. London: Unwin Hyman, 1989. Disponível em: [https://archive.org/details/evangelicalismin0000bebb?utm\\_source=chatgpt.com](https://archive.org/details/evangelicalismin0000bebb?utm_source=chatgpt.com) . Acesso em: 05 maio 2025.
- BERKOUWER, Gerrit C. *Holy scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. João Ferreira de Almeida. rev. atual. no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BLOESCH, Donald G. *Holy scripture: revelation, inspiration and interpretation*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.
- BOAVENTURA. *Commentaria in quatuor libros sententiarum*. Disponível em: [https://archive.org/details/doctorisseraphic11bona/page/n9/mode/2up?utm\\_source=chatgpt.com](https://archive.org/details/doctorisseraphic11bona/page/n9/mode/2up?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 19 mar. 2025.
- BROWNING, Don S. *Fundamental practical theology: descriptive and strategic proposals*. Minneapolis: Fortress Press, 1996.
- BRUCE, Frederick Fyvie. *O cânon das escrituras: como os livros da Bíblia vieram a ser reconhecidos como Escrituras Sagradas?* São Paulo: Hagnos, 2011.
- BRUNNER, Emil. *Revelation and reason: the Christian doctrine of faith and knowledge*. Philadelphia: Westminster Press, 1946.
- \_\_\_\_\_. *The Divine-Human encounter*. Philadelphia: Westminster Press, 1943.
- BULTMANN, Rodolf. *Kerygma and myth: a theological debate*. London: SPCK, 1961.

\_\_\_\_\_. *New Testament and mythology and other basic writings*. Minneapolis: Fortress Press, 1973.

BUSH, L. Russ. Understanding biblical inerrancy. *Southwestern Journal of Theology*, v. 50, n. 1, p. 21, 2007.

CALVINO, João. *Institutas da religião Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CESAREIA, Eusébio de. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística).

CHRYSOSTOM, Saint. Homilies on the Gospel of Saint Matthew. In: SCHAFF, P. (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*. 1st series, v. 10. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, Homily 1, p. 4. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf110.html>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CONGDON, David W. *The Mission of demythologizing: Rudolf Bultmann's dialectical theology*. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

DEYOUNG, Kevin. *Taking God at his word: why the bible is knowable, necessary, and enough, and what that means for you and me*. Wheaton, IL: Crossway, 2014.

DOCKERY, David S. *Biblical authority: contemporary issues in evangelical perspective*. Nashville: Broadman & Holman, 2001.

DORRIEN, Gary. *Social ethics in the making: interpreting an American tradition*. Malden: Wiley-Blackwell, 2008.

\_\_\_\_\_. *The making of American liberal theology: imagining progressive religion 1805-1900*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEINBERG, Paul D. The meaning of inerrancy. In: GEISLER, N. L. (ed.). *Inerrancy*. Grand Rapids: Zondervan, 1980.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FOX, Richard Wightman. *Reinhold Niebuhr: a biography*. New York: Pantheon Books, 1985.

FRAME, John. *The doctrine of the word of God*. USA, 2010.

GEISLER, Norman L. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das escrituras*. São Paulo: Vida, 2023.

\_\_\_\_\_. *A inerrância das escrituras: Confirmando a Exatidão das Escrituras para uma nova geração*. São Paulo: Vida, 2024.

\_\_\_\_\_. *Introdução geral à Bíblia: uma análise abrangente da inspiração, canonização, transmissão e tradução*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

\_\_\_\_\_ ; ROACH, W. *Defending inerrancy: affirming the accuracy of scripture for a new generation*. Grand Rapids: Baker Books, 2011.

\_\_\_\_\_. *Systematic theology*. Introduction, Bible. Minneapolis: Bethany House Publishers, 2002.

\_\_\_\_\_. *Teologia sistemática: introdução à teologia, a Bíblia, Deus e a criação*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

\_\_\_\_\_ ; SPROUL, R. C.; INTERNATIONAL CONCIL ON BIBLICAL INERRANCY. *Explaining biblical inerrancy: the Chicago statements on biblical inerrancy hermeneutics, and application with official ICBI commentary*. Arlington, USA: Bastion Books, 2013.

GONZÁLEZ, Justo L. *História do pensamento cristão: do Iluminismo ao século XX*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, v. 3.

GRENZ, Stanley J. *Teologia para o Século XXI: o desafio da teologia pós-moderna*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

\_\_\_\_\_ ; OLSON, Roger E. *Who needs theology? An invitation to the study of God*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2006.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

\_\_\_\_\_. *Teologia sistemática: atual e exaustiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

\_\_\_\_\_. *Teologia sistemática: doutrinas bíblicas fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

HENRY, Carl F. H. *God, revelation, and authority: God who speaks and shows*. Fifteen Theses, Part Three. Westchester: Crossway, 1983, v. 4.

\_\_\_\_\_. *God, revelation, and authority: God who speaks and shows: Fifteen Theses, Part Three*. Westchester: Crossway, 1983, v. 2.

INTERNATIONAL COUNCIL ON BIBLICAL INERRANCY. *The Chicago statement on biblical inerrancy*. Chicago, 1978. Disponível em: [https://library.dts.edu/Pages/TL/Special/ICBI\\_1.pdf](https://library.dts.edu/Pages/TL/Special/ICBI_1.pdf). Acesso em: 20 mar. 2025.

LOMBARDO, Pedro. *Sententiarum Libri Quattuor (As Quatro Sentenças)*. Disponível em: <http://magistersententiarum.com/authors>. Acesso em: 19 mar. 2025.

LUTHER, Martin. *The Heidelberg Disputation - The book of concord*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20170923040317/http://www.bookofconcord.org/heidelberg.php> . Acesso em: 20 mar. 2025.

LYON, Irineu. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1997. (coleção Patrística).

MACARTHUR, John. *A Bíblia é suficiente?* São Paulo: Fiel, 2018.

\_\_\_\_\_. MAYHUE, R. (eds.). *Biblical doctrine: a systematic summary of bible truth*. Crossway, 2017.

MCGRATH, Alister E. *Historical theology: an introduction to the history of Christian thought*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

\_\_\_\_\_. *Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

MOHLER JR., R. Albert *et al.* *Five views on biblical inerrancy*. USA: Zondervan Academic, 2013.

MORRIS, Leon. *Biblical authority and the concept of inerrancy*. *The Churchman*, v. 81, p. 22-38, 1967.

NESTLE, Eberhard; ALAND, Kurt. *Novum Testamentum graece*. 30. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2018.

NIEBUHR, Reinhold. *Faith and history: a comparison of Christian and modern views of history*. New York: Charles Scribner's Sons, 1951.

\_\_\_\_\_. *Moral man and immoral society: a study in ethics and politics*. New York: Charles Scribner's Sons, 1932.

\_\_\_\_\_. *The irony of American History*. Chicago: University of Chicago Press, 1951.

\_\_\_\_\_. *The nature and destiny of man: a Christian interpretation*. New York: Scribner's, 1941.

OCKHAM, Guilherme de. *Scriptum in librum sententiarum*. Disponível em: [https://archive.org/details/venerabilisincep0002will?utm\\_source=chatgpt.com](https://archive.org/details/venerabilisincep0002will?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 19 mar. 2025.

OLSON, Roger E. *A história da teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2002.

\_\_\_\_\_. *The story of Christian theology: twenty centuries of tradition and reform*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1999.

PACKER, John I. *Fundamentalism and the word of God*. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.

PINK, Arthur W. *A inspiração divina da Bíblia*. Brasília: Monergismo, 2020.

RAUSCHENBUSCH, Walter. *A theology for the social gospel*. New York: Abingdon Press, 1917.

\_\_\_\_\_. *Christianity and the social crisis*. New York: Macmillan, 1907.

RICHARDSON, Alan. *A dictionary of Christian theology*. London: SCM Press, 1964.

RITSCHL, Albericht. *Die christliche lehre von der rechtfertigung und versöhnung*. Bonn: Verlag von Adolph Marcus, 2005.

\_\_\_\_\_. *The christian doctrine of justification and reconciliation*.  
Edinburgh: T. & T. Clark, 2005.

ROMA, Clemente de. *Primeira carta de Clemente aos Coríntios*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística).

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHAEFFER, Francis A. *A morte da razão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

SCHLEIERMACHER, Friederich. *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche*. 2. ed. Berlin: G. Reimer, 1830.

\_\_\_\_\_. *The Christian faith*. Ed. H. R. Mackintosh & J. S. Stewart. New York: Harper & Row, 1996.

SCOTUS, João Duns. *ordinatio (opus oxoniense)*. Disponível em:  
[https://www.aristotelophile.com/Books/Translations/Scotus Ordinatio I dd.1-2.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.aristotelophile.com/Books/Translations/Scotus%20Ordinatio%20I%20dd.1-2.pdf?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 19 mar. 2025.

SMITH, Gary Scott. *The search for social salvation: social Christianity and America, 1880-1925*. Lanham: Lexington Books, 2000.

SPROUL, Robert Charles. *O Mistério do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

\_\_\_\_\_. *Scripture alone*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2005.

STRONG, Augustus H. *Teologia sistemática*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2010.

THISELTON, Anthony C. *Hermeneutics: an introduction*. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

TORRANCE, Thomas F. Karl Barth. *An introduction to his early theology 1910-1931*. Edinburgh: T&T Clark, 1990.

VANHOOZER, Kevin J. *O drama da doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

VELDMAN, Meine. *A summary, analysis and appraisal of Albrecht Ritschl's doctrine of the word of God and justification*. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/14173457/A\\_Summary\\_Analysis\\_and\\_Appraisal\\_of\\_Albrecht\\_Ritschl's\\_Doctrine\\_of\\_the\\_Word\\_of\\_God\\_and\\_Justification](https://www.academia.edu/14173457/A_Summary_Analysis_and_Appraisal_of_Albrecht_Ritschl's_Doctrine_of_the_Word_of_God_and_Justification)

cht\_Ritschls\_Doctrine\_of\_the\_Word\_of\_God\_and\_Justification. Acesso em: 6 maio 2025.

WALLACE, Daniel B. *Greek grammar beyond the basics: an exegetical syntax of the New Testament*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996.

WARFIELD, Benjamin B. *The inspiration and authority of the Bible*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1948.

\_\_\_\_\_. *The inspiration and authority of the Bible*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing, 2008.

WELCH, Claude. *Protestant thought in the nineteenth century: 1799-1870*. New Haven: Yale University Press, 1985.

WELLS, David F. *God in the wasteland: the reality of truth in a world of fading dreams*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

WOODBIDGE, John D. *Biblical authority: a critique of the Rogers/Mckim proposal*. Grand Rapids: Zondervan, 1983.

YODER, John H. *The politics of Jesus: vicit agnus noster*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1994. Disponível em:  
[https://feraltheology.wordpress.com/2015/03/10/politics-of-jesus-by-john-h-yoder/?utm\\_source=chatgpt.com](https://feraltheology.wordpress.com/2015/03/10/politics-of-jesus-by-john-h-yoder/?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 25 abr. 2025.